



Academia Militar
Direcção de Ensino
Curso de Infantaria

Trabalho de Investigação Aplicada

**EMPREGO DAS EQUIPAS CINOTÉCNICAS DO EXÉRCITO
PORTUGUÊS NUMA FORÇA NACIONAL DESTACADA
(FND)**

Autor: Aspirante Aluno de Infantaria Michael R. Cabral

Orientador: Tenente-Coronel de Infantaria José Carlos Dias Rouco

CO – Orientador: Major de Infantaria Roberto Mariano

Lisboa, 14 de Setembro de 2011



Academia Militar
Direcção de Ensino
Curso de Infantaria

Trabalho de Investigação Aplicada

**EMPREGO DAS EQUIPAS CINOTÉCNICAS DO EXÉRCITO
PORTUGUÊS NUMA FORÇA NACIONAL DESTACADA
(FND)**

Autor: Aspirante Aluno de Infantaria Michael R. Cabral

Orientador: Tenente-Coronel de Infantaria José Carlos Dias Rouco

CO – Orientador: Major de Infantaria Roberto Mariano

Lisboa, 14 de Setembro de 2011

DEDICATÓRIA

A toda a minha Família
Aos Irmãos do Curso de Infantaria
Pelo seu apoio

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento à Escola de Tropas Pára-quedistas e ao Regimento de Lanceiros Nº2, nomeadamente à Secção de Cães de Guerra e à secção Cinotécnica, por se disponibilizarem para a realização das entrevistas e à transmissão de conhecimentos.

Agradeço a colaboração de todas as unidades cinotécnicas das nossas Forças Armadas e da Guarda Nacional Republicada.

Ao Comandante de Instrução e Doutrina, a sua Excelência Tenente – General Francisco Correia, pelo seu contributo enquanto entrevistado, pelo tempo dispendido e também pelos esclarecimentos concedidos.

Ao meu orientador, Tenente – Coronel de Infantaria Carlos Rouco, pela sua disponibilidade, preocupação e apoio prestado ao longo do Trabalho de Investigação Aplicada.

A todos os inqueridos que participaram no questionário, nomeadamente ao Tenente Vale pela transmissão de conhecimentos da sua experiência no teatro de operações do Afeganistão.

Ao meu curso que me apoio nos momentos mais difíceis durante estes cinco anos.

Aos meus Pais, Alberto e Felismina, às minhas irmãs Natália e Virgínia, ao meu avô Augusto, que sempre me ajudaram e apoiaram nas minhas decisões.

A todos vós um Muito Obrigado

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	III
AGRADECIMENTOS	IV
ÍNDICE GERAL	V
ÍNDICE DE QUADROS	IX
ÍNDICE DE GRÁFICOS	IX
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	X
RESUMO	XI
ABSTRACT	XII
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	1
INTRODUÇÃO	1
1.1 ENQUADRAMENTO	2
1.2 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA.....	2
1.3 OBJECTIVO DA INVESTIGAÇÃO.....	3
1.4 QUESTÃO CENTRAL	3
1.5 QUESTÕES DERIVADAS E HIPÓTESES.....	3
1.6 MODELO METODOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO	4
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO	5
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
CAPÍTULO 2 – CÃES MILITARES	6
2.1 RESENHA HISTÓRICA.....	7
2.2 UTILIZAÇÃO DOS CÃES MILITARES POR OUTROS PAÍSES NA ACTUALIDADE... 11	
2.2.1 Israel	11
2.2.2 Estados Unidos da América	12
2.2.3 Reino Unido	13
2.3 EMPREGO DOS CÃES NO EXÉRCITO PORTUGUÊS	13

2.3.1 O passado.....	14
2.3.2 Na actualidade	15
2.4 CONCLUSÕES	17
CAPÍTULO 3 – USO DE CÃES NUMA FND	18
3.1 ENQUADRAMENTO LEGAL.....	19
3.2COMPETÊNCIAS OPERACIONAIS DAS UNIDADES CINOTÉCNICAS DO EXÉRCITO	19
3.2.1 Unidade Cinotécnica do Regimento de Lanceiros Nº2	19
3.2.2 Unidade Cinotécnica da Escola Tropas Pára-quedistas	20
3.2.3 Competências cinotécnicas do âmbito geral das duas forças.....	21
3.3 TIPOS DE OPERAÇÕES MILITARES ONDE SE ENQUADRAM O USO DO CÃO MILITAR	22
3.4 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO USO DE CÃES MILITARES NUMA FND	24
3.4.1 Vantagens	24
3.4.2 Desvantagens	25
3.5 CONCLUSÕES	27
II PARTE – PARTE PRÁTICA.....	28
CAPITULO 4 – METODOLOGIA DA PARTE PRATICA	28
4.1 HIPÓTESE PRÁTICAS.....	29
4.2 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS.....	30
4.2.1 Entrevista	30
4.2.2 Questionários	31
CAPITULO 5	33
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
5.1 ENTREVISTAS.....	33
5.2QUESTIONÁRIOS.....	35
CAPITULO 6	39
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	39
6.1 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES.....	39

6.2 RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL.....	40
6.3 CONCLUSÕES FINAIS	41
6.4 LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO	41
6.5 RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	42
BIBLIOGRAFIA	43
APÊNDICE	46
APÊNDICE - A.....	47
A.1 OBJECTIVOS DA ENTREVISTA.....	47
A.2 ENTREVISTADOS	48
A.3 GUIÃO DA ENTREVISTA.....	49
APÊNDICE – B.....	52
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº1.....	52
APÊNDICE – C.....	56
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº2.....	56
APÊNDICE – D.....	59
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº3.....	59
APÊNDICE – E	62
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº4.....	62
APÊNDICE – F	64
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº5.....	64
APÊNDICE – G.....	66
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº6.....	66
APÊNDICE – H.....	69
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº7	69
APÊNDICE – I	71
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº8.....	71
APÊNDICE – J.....	73
LEVANTAMENTO DE CATEGORIAS	73

APÊNDICE – K.....	76
QUESTIONÁRIO	76
ANEXOS	79
ANEXO - A	80
RAÇAS DE CÃES UTILIZADAS NO EXÉRCITO PORTUGUÊS.....	80
ANEXO B.....	82
APP – 12 Capítulo 6	82

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 3.1 EXEMPLOS DO USO DO POTENCIAL DO CÃO MILITAR	22
QUADRO 3.2 TIPO DE OPERAÇÕES ONDE SE ENQUADRAM O USO DO CÃO MILITAR	24

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	33
GRÁFICO 5.2 QUANTIDADE DE INQUERIDOS EM CADA TEATRO DE OPERAÇÕES	35
GRÁFICO 5.3 ANÁLISE DE RESULTADOS DA QUESTÃO Nº1.....	36
GRÁFICO 5.4 ANÁLISE DE RESULTADOS DA QUESTÃO Nº2.....	36
GRÁFICO 5.5 ANÁLISE DE RESULTADOS DA QUESTÃO Nº3.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCP	Batalhão de Caçadores Pára-quedistas
CID	Comando Instrução e Doutrina
Cmdt	Comandante
ETP	Escola de Tropas Pará - quedistas
ETP	Escola Tropas Pára-quedistas
EUA	Estados Unidos da América
FAP	Força Aérea Portuguesa
FND	Forças Nacionais Destacadas
GNR	Guarda Nacional Republicana
NATO	North Atlantic Treaty Organization
PE	Polícia do Exército
RL2	Regimento de Lanceiros Nº2
SecCãesGuerra	Secção de Cães de Guerra
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TO	Teatros de Operações
U/E/O	Unidades, Estabelecimentos e Órgãos
VCEME	Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército

RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada, tem como tema “ O emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa Força Nacional Destacada”, tendo como objectivo verificar a validade da empregabilidade de binómios nas operações realizadas numa Força Nacional Destacada, como um factor de sucesso para tais operações.

O trabalho divide-se em duas parte, em que a primeira parte é dirigida para uma revisão da bibliografia, e a segunda destina-se à metodologia e análise e discussão de resultados, terminando com as conclusões e recomendações para as futuras investigações sobre a temática da cinotécnica militar.

A metodologia na parte teórica é constituída por uma análise da bibliografia em monografia, artigos periódicos, revistas e consulta de sites na internet. A parte prática fundamenta-se por entrevistas semi-estruturadas, dirigidas a um conjunto de peritos de acordo com as suas competências, experiência e conhecimento sobre o tema, e um questionário dirigido aos Oficiais que participaram numa Força Nacional Destacada.

Como principais conclusões podemos afirmar que o emprego das equipas cinotécnicas representa um factor de sucesso nas operações realizadas pelas Forças Nacionais Destacadas no âmbito das Operações de Apoio à Paz, podendo ser empregues na maioria das missões.

Palavras-chave: Cinotécnica militar; Forças Nacionais Destacadas; Empregabilidade, Binómio.

ABSTRACT

This paperwork's subject is "Portuguese Army Military Working Dogs Teams' employability in a National Deployed Forces", and its objective is to verify if they represent a decisive factor on the accomplishment of our missions.

This work is divided in two main parts. In the first one we develop a bibliographic review; in the second one we present the work's methodology, analysis and results discussion. Then we finish with our conclusions and some advice concerning to future possible researches.

Helping us reaching theoretical information we use of bibliographic researches on books, magazines, reference articles and some internet sites. After that we interviewed some experts and some officers with experience on deployed forces.

We concluded that Military Working Dogs express a major factor of success in our foreign military tasks. They can be used on many different kinds of missions.

Keywords: Military Working Dogs; National Deployed Forces; Employability, Team`s of Military Working Dogs.

I AM A WORKING DOG

My eyes are your eyes,
to watch you and to protect you and yours.

My ears are your ears,
to hear and detect evil minds in the dark.

My nose is your nose,
to scent the invader of your domain.

And so you may live,
My life is also yours.

(Anónimo, 2010)

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

INTRODUÇÃO

Nota introdutória

O Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), surge com a reestruturação do Ensino Universitário devido ao processo de Bolonha, onde os alunos que frequentam o quinto ano da Academia Militar desenvolvem as suas capacidades de investigação no sector das Ciências Sociais. O tema escolhido pelo autor vai proporcionar ao leitor uma abordagem sobre o emprego das equipas cinotécnicas do nosso Exército nas Forças Nacionais Destacadas (FND), que é visto por grande parte dos Exércitos do Mundo como uma mais-valia nos actuais Teatros de Operações (TO).

O primeiro capítulo deste trabalho encontra-se dividido em sete partes. Na primeira parte é feito o enquadramento do tema, seguido da sua justificação. A terceira parte diz respeito ao objectivo da investigação, seguido da questão central e as questões derivadas, bem como as respectivas hipóteses, que serão abordadas na quarta e quinta parte respectivamente. A sexta parte reporta-se ao modelo metodológico de investigação utilizado, seguido de um pequeno resumo da estrutura do trabalho na última parte.

1.1 ENQUADRAMENTO

O cão tem acompanhado o homem ao longo dos anos, sendo considerado o melhor amigo e fiel companheiro do homem. As suas extraordinárias características, tornaram-no num elemento de grande valor para fins militares, tendo já um longo percurso no campo de batalha, que remonta desde do tempo dos Egípcios, chegando aos dias de hoje, como é o caso dos Exércitos dos Estados Unidos da América, do Reino Unido e nas Forças Armadas Israelitas, que utilizam as equipas cinotécnicas nas várias tarefas específicas no campo de batalha, demonstrando grande eficácia nas operações que são empregues.

Apesar em Portugal existirem várias equipas cinotécnicas, nunca houve um empenhamento com as actuais FND por parte do nosso Exército, como é o caso do Afeganistão, onde alguns dos nossos aliados utilizam os cães nas diversas missões, quer na segurança, quer em missões de combate, provando que o emprego do binómio – Homem / Cão é uma mais-valia no TO.

1.2 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

As equipas cinotécnicas no nosso Exército existem há mais de 50 anos, mas a sua utilização no campo de batalha resumiu-se à Guerra Colonial. Apesar da existência de alguns estudos sobre a temática da cinotécnia, nenhum aborda o seu emprego como um factor de sucesso nas operações realizadas numa FND.

Assim a escolha deste tema prende-se com o facto de o nosso Exército ainda não aproveitar as potencialidades deste recurso nas actuais missões, conforme se evidencia no TO do Afeganistão, onde as Forças Armadas de alguns países, como é o caso dos Estados Unidos da América, utilizam cada vez mais as suas equipas cinotécnicas, em algumas das diversas tarefas, por exemplo nas suas patrulhas, na detecção de explosivos em pessoas, na detecção de veículos armadilhados, na detecção de armadilhas e explosivos em ambiente de combate em áreas urbanas, onde tais equipas têm demonstrado grande perspicácia e uma mais-valia na ajuda das suas tropas nesse campo de batalha.

Portugal ao pertencer ao North Atlantic Treaty Organization (NATO), e da nossa doutrina ser semelhante aos nossos Aliados, o nosso Exército não utiliza estas equipas no acompanhamento das nossas FND nas actuais missões. A utilização do cão militar recai apenas em missões de patrulhamento e de segurança de perímetro, nomeadamente em

Unidades, Estabelecimentos e Órgãos (U/E/O) no nosso território. Daí a necessidade neste trabalho de demonstrar o empenhamento das Equipas Cinotécnicas do nosso Exército como factor de sucesso nas FND.

1.3 OBJECTIVO DA INVESTIGAÇÃO

Com este trabalho o autor pretende dar a conhecer a importância da empregabilidade das equipas cinotécnicas existentes no nosso Exército onde Portugal têm tido participado, como é o caso no TO do Afeganistão, tentando, através de pesquisa bibliográfica, entrevistas e questionários, recolher informação que nos permita verificar a capacidade operacional das unidades cinotécnicas, as missões onde estas unidades ser empregues com maior eficácia, as vantagens e desvantagens do uso das unidades cinotécnicas numa FND.

1.4 QUESTÃO CENTRAL

Como pergunta de partida para investigação ao tema deste trabalho, surge a pergunta “ A empregabilidade de binómios cinotécnicos será um factor de sucesso na execução das missões realizadas numa FND?”, assim para encontrar uma resposta adequada a esta questão central foram levantadas questões derivadas e as respectivas hipóteses, que se expõem no seguinte ponto.

1.5 QUESTÕES DERIVADAS E HIPÓTESES

Para ajudar na obtenção de uma resposta adequada foram levantadas três perguntas derivadas, onde na obtenção das suas respostas e no seu tratamento chegamos à resposta da pergunta central.

Assim a primeira questão derivada (**QD1**) pretende-se saber “Em que tipos de missões seriam estas equipas mais úteis?”.

A segunda questão (**QD2**) é “Será vantajoso o uso das equipas cinotécnicas numa FND?”.

A terceira questão derivada (**QD3**) será saber se “Existe implicações ao emprego destas equipas nas operações militares realizadas numa FND?”.

Como resposta às questões derivadas formulámos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 (QD1): As equipas cinotécnicas podem executar qualquer tarefa militar numa FND.

Hipótese 2 (QD2): As equipas cinotécnicas têm como vantagens a detecção, de explosivos, armamento e de drogas ilegais nos Check – Points.

Hipótese 3 (QD3): A cultura é um factor limitativo ao uso de equipas cinotécnicas.

1.6 MODELO MEDOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO

A parte teórica deste trabalho teve por base a consulta de bibliografia específica em monografias, artigos periódicos, revistas, consulta na internet e também através da recolha de informação das entrevistas que foram realizadas a especialistas sobre o assunto, mais concretamente às equipas cinotécnicas do nosso Exército - Polícia do Exército (PE) e Escola de Tropas Pára-quedistas (ETP) e as restantes unidades cinotécnicas das nossas Forças Armadas, bem como à unidade cinotécnica da Guarda Nacional Republicana (GNR).

A vertente prática contou com as mesmas entrevistas realizadas a um conjunto de peritos nesta área da cinotécnia, bem como ao Comandante do Comando Instrução e Doutrina (CID) que responderam a um guião de entrevista com vista à recolha de máxima informação, onde foram seleccionadas perguntas e respostas para elaboração de um questionário, que foi dirigido a uma amostra de Oficiais que participaram em diferentes TO, com o objectivo de confirmar as opiniões dos responsáveis da área de formação desta temática.

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho encontra-se dividido em duas partes, uma correspondente ao enquadramento teórico que é tratada na I Parte do trabalho e a II Parte refere-se ao enquadramento prático do trabalho.

O enquadramento teórico encontra-se dividido em dois capítulos, o capítulo 2 refere-se à história da utilização dos cães de guerra, quer por países estrangeiros, bem como por Portugal. O capítulo 3 reporta-se ao uso de cães numa FND, onde aborda o seu enquadramento legal, bem como as actuais competências operacionais das duas unidades cinotécnicas existente em Portugal, o do tipo de operações onde tais equipas se enquadram, e finalmente as vantagens e desvantagens do seu uso numa FND.

A II Parte do trabalho refere-se ao trabalho empírico, sendo constituído por três capítulos. O capítulo 4 faz abordagem à parte prática, ou seja, qual a metodologia aplicada, seguido do capítulo 5 onde são apresentados e discutidos os resultados das entrevistas e dos inquéritos, terminando com as respectivas conclusões e recomendações no capítulo 6.

I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 2 – CÃES MILITARES

Nota introdutória

O Homem desde muito cedo adoptou o cão, pois as suas qualidades inatas de defender e proteger, tornaram o cão uma companhia bastante apreciada. Ao reconhecemos as suas características extraordinárias, como a sua apurada audição, olfacto, obediência e sua agilidade, rapidamente o tornaram num grande valor para auxílio do Comandante no campo de batalha. Este facto tem sido admitido ao longo dos séculos, onde o emprego militar dos cães tem evoluído conforme a evolução das táticas e estratégias no campo de batalha. São vários os exércitos que na actualidade utilizam as suas unidades cinotécnicas nas mais variadas situações de conflito e de catástrofe, onde recorrem às suas características para cumprirem várias tarefas no TO, tais como, a detecção de engenhos explosivos, a detecção de armamento, a detecção de droga, a guarda e patrulha, a manutenção da ordem pública, a busca e progressão em áreas edificadas, entre outras.

Ao longo deste capítulo, o leitor pode acompanhar, a evolução do emprego do cão no campo de batalha descrito na resenha histórica, e como alguns países utilizam as suas unidades cinotécnicas, bem como o seu aparecimento no nosso Exército, e as formas de empenhamento destas unidades cinotécnicas ao longo da história militar.

Assim este capítulo está dividido em três subcapítulos, no primeiro subcapítulo é abordado a história da utilização do cão nos diversos TO por parte das diversas civilizações e países, nomeadamente nas duas Guerras Mundiais e no conflito do Vietname onde estes os cães desempenharam um papel importante. No segundo subcapítulo é abordado como alguns países utilizam os cães nos recentes e nos actuais TO, como o caso dos EUA, Inglaterra e Israel. Finalmente, no terceiro será analisado como o nosso Exército utilizou os cães de guerra entre 1961 e 1974, bem como actualmente.

2.1 RESENHA HISTÓRICA

Os cães foram os primeiros animais a serem domesticados, pelo homem, supondo-se que tal tenha ocorrido em vários pontos do globo durante o Mesolítico. Neste período já eram frequente os cães domesticados ou semi-domesticados vadiarem em trono do homem primitivo, onde os cães alertavam o homem da presença de predadores, sendo estes recompensados com resto dos alimentos (Lima, 2002). As suas qualidades inatas de defender e proteger, cedo o tornaram uma companhia bastante apreciada pelo Homem. As extraordinárias características do cão, como a agudeza de sentidos, a docilidade, a sua afeição pelo Homem, o espírito de observação, a velocidade, rapidamente o tornaram de um grande valor para os fins militares (Campos, 1981). Tal facto foi reconhecido há muitos séculos, onde diversas civilizações utilizavam o cão para fins miliares, como foi o caso Grécia Antiga, onde os guerreiros fizeram largo uso dos cães, equipando-os com pesadas coleiras eriçadas de picos, já os Romanos utilizavam grandes cães do tipo molossóides¹, formando esquadrões que trabalhavam como unidades independentes do seu Exército, cuja sua função era provocar lacerações dos flancos dos cavalos do inimigo (Lima, 2002).

O modo de emprego dos cães para fins militares foi sofrendo várias evoluções ao longo dos séculos a par da evolução das tácticas e estratégias utilizados pelos Comandantes (Cmdts) no campo de batalha. Um dos usos mais interessantes do cão decorreu na Guerra Hispana - Marroquina, por parte dos Riffs, para revelar as posições inimigas² (Campos, 1981). Outro testemunho da utilização de cães foi na Guerra Civil dos EUA, onde eram utilizados, como mensageiros, guardas e mascotes de unidades (Headquarters, 2005). Um outro país que deu também grande preponderância aos cães foi a Rússia, pois em 1914 o Exército Imperial utilizou um grande número de cães, que trabalhavam debaixo de fogo, como remuniadores e mensageiros no campo de batalha. (Campos, 1981).

¹ O termo Molosso deriva de Molóssia, um país antigo localizado no que é agora a Grécia ocidental. Um cão tipo molossóide possui muita força, têm uma estrutura forte e pesada, reúnem características físicas que favorecem ataques mais poderosos. Eram usados pelos romanos, gregos e assírios como máquinas de guerra.

² Os cães eram camuflados e treinados para correr ao longo das linhas de fogo, para atrair o fogo dos espanhóis revelando assim a suas posições.

Foi com a I Guerra Mundial, que a utilização do cão no campo de batalha, veio estabelecer-se de uma forma mais regular, onde se impôs como um meio indispensável e precioso para auxílio do Comandante. Neste conflito, desempenhou várias tarefas, seja como cão sanitário, onde era treinado para recolher qualquer objecto, mas também como guia para os maquiéiros para encontrar os feridos, seja como “cão de ligação”, que transportava as ordens escritas, como “cão sentinela”, ou até como “cão de patrulha”, onde desempenhou uma papel muito importante no campo de batalha, sendo utilizados no trabalho de escuta e detecção de movimentações inimigas (Lima, 2002). Vários foram os países que utilizaram o cão como auxílio na execução de determinadas tarefas. Os alemães empregaram mais de trinta mil cães, como mensageiros e sanitários, tendo também os franceses optado o seu uso nos diversos serviços, especialmente como remuniçadores (Campos, 1981). Independentemente das características do campo de batalha, os cães mostraram-se sempre bastante úteis (Campos, 1981), cumprindo assim sua missão em qualquer tipo de terreno e no mais completo silêncio, verificando-se assim grandes vantagens em relação a outro animal já muito utilizado pelo homem nos campos de batalha, o cavalo, em que uma secção destes cães em quatro dias transportou noventa toneladas de munições para uma bateria, cujos homens, cavalos e mulas, durante uma quinzena se tinham esforçado debalde para conseguir o seu remuniçamento (Campos, 1981). Também a sua manutenção era mais barata em relação aos cavalos, onde duas equipas de sete cães podem fazer o trabalho de cinco cavalos, em absolutas condições de sucesso (Campos, 1981).

No decorrer da II Guerra Mundial, alguns países continuaram a usar os cães no campo de batalha, como os alemães que possuíam milhares de cães para executar algumas tarefas, tais como mensageiros e sentinelas, mas também nas patrulhas efectuadas na ocupação da França (Campos, 1981). Já o exército inglês usaram milhares de cães distribuindo quatro animais por cada batalhão, com dois condutores, enquanto o exército russo utilizava os cães de uma forma pouco convencional³ (Taylor, 2010).

No decorrer deste conflito registaram os primeiros lançamentos de cães paraquedistas por parte dos ingleses e das tropas canadianas, em que os cães eram lançados atrás das linhas inimigas para entregarem mensagens, bem como para ajudar no resgate de pilotos abatidos (Simões, 2010). Com a entrada dos EUA neste conflito, houve uma forte pressão no sentido da utilização dos cães, assim sendo foram activados 15 pelotões, 7 serviram na Europa e 8

³ Treinavam os cães para missões suicidas, em que os cães eram equipados com uma bolsa de explosivos. Tal prática não teve sucesso, isto devido aos cães muitas vezes fugirem do fogo inimigo, e voltarem para as trincheiras soviéticas, matando os elementos que aí se encontravam. Pouco depois os cães “suicidas” foram retirados do serviço, apesar do exército russo continuou ainda com este tipo de treino até Junho de 1996 (Taylor, 2010).

no Pacífico (Headquarters, 2005). Esta utilização não só recaiu no desempenho de missões de sentinela⁴, mas também nas missões de patrulhas e batedores, transporte de carga, mensageiros e de detecção de minas. A sua utilização também se verificou na Guerra do Pacífico, não só pelo o exército dos EUA, mas também pelos japoneses que utilizaram os cães importados da Alemanha, nas regiões por eles ocupadas (Campos, 1981).

Nos anos que seguiram à II Guerra Mundial, muitos dos exércitos e mais concretamente o dos EUA, consideram que os uso de cães para serviços de carga e trenó, detecção de minas e mesmo como mensageiros já não era necessário. Contudo, os cães de sentinela e batedores mantiveram ainda o seu enorme valor, como foi comprovado na Guerra da Coreia, em que os EUA utilizaram mais de 100 cães para o serviço de sentinela em depósitos e armazenagens de armamento militar antes do início desse conflito (Taylor, 2010). Quando iniciaram os combates, os EUA enviaram um pelotão constituído por tratadores e os seus respectivos cães, o binómio cinotécnico⁵, que foram treinados para apoiar as patrulhas de combate. Devido as aptidões especiais destes cães que eram treinados para este fim, o exército dos EUA tinha mais vantagens em relação ao seu inimigo, uma vez que estes davam o aviso prévio da presença ou aproximação do inimigo. O registo contínuo deste desempenho fiel e valente dos tratadores e dos seus cães no apoio de patrulhas, permitiu salvar um número considerável de vidas de soldados americanos (Ronaeillo, 2000).

Com o envolvimento dos EUA no conflito do Vietname, surge então grandes progressos no desenvolvimento e modo de emprego de cães no TO. As principais inovações foram ao nível da desminagem e nas técnicas de emprego dos cães sem trela, o que permitiu um maior raio de acção, mas também maior segurança para o binómio cinotécnico (Ronaeillo, 2000).

Outra grande inovação no modo de emprego, verificou-se quando a Policia Militar do Exército dos EUA utilizaram os cães, com bastante sucesso, no serviço de sentinelas e na detecção de drogas, situação que veio a ser implantada pelas forças policiais civis em todo o mundo, nomeadamente no apoio ao combate do tráfico de drogas (Headquarters, 2005). No caso ao apoio à Infantaria regular, surgiram novas técnicas de emprego de cães em que

⁴ Aproximadamente 9 295 dos 10 425 cães foram destinados para o serviço de sentinela, onde foram enviados para as diversas organizações militares, como fortificações costeiras, defesa de portos, depósitos de munições, armazéns e fábricas. Entre 1942 e 1943 devido às actividades dos submarinos alemães que começaram a operar em larga escalam perto das costas Atlânticas e do Golfo, cerca de 3 180 cães, foram enviados pela Guarda Costeira para patrulhar as praias contra possíveis desembarques de sabotadores inimigos (Ronaeillo, 2000).

⁵ Termo atribuído ao conjunto Homem (Treinados e Tratador de Cães Militares) mais o Cão.

eram formadas equipas cinotécnicas⁶, tais como: equipas de cães de patrulha⁷, equipas de cães mina/armadilha/túnel⁸, equipas de localização em combate⁹ e equipas de cães de sentinelas¹⁰ (Ronaeillo, 2000). O conflito do Vietname possibilitou um grande desenvolvimento na investigação das capacidades caninas, pois permitiu dar os primeiros passos para a evolução de um cão para fins militares, mais inteligente e mais forte. Devido às novas técnicas de treino, foi possível desenvolver nos cães novas capacidades, tais como a detecção de diferentes tipos de drogas e de determinados explosivos específicos. Verificou-se ainda, o aparecimento de cães para todo tipo de missões realizadas no TO e surgiu pela primeira vez o emprego de cães por controlo remoto electrónico (Headquarters, 2005).

Na década de 1990 e início de 2000, os EUA, bem como os aliados da NATO continuaram a utilizar as suas equipas cinotécnicas em todo o mundo nas suas operações militares, como no Golfo Pérsico, Kosovo, Bósnia, Iraque e Afeganistão, onde estas equipas são empregues para reforçar a segurança das instalações e áreas críticas, tais como em missões como apreensão de suspeitos, detecção de explosivos, check - points, reforçar a protecção das suas forças e das populações civis contra possíveis ataques terroristas (Ronaeillo, 2000). Tal emprego veio permitir que os comandantes pudessem empregar os soldados e outros meios, de uma forma mais eficaz noutros lugares (Headquarters, 2005).

⁶ É o conjunto do binómio Homem/Cão reforçado com outro elemento de segurança, exemplo nas patrulhas de reconhecimento em que o binómio cinotécnico segue à frente e o seu tratador atento aos sinais do cão, mas não à sua segurança, uma vez que a segurança é garantida pelo outro elemento da equipa cinotécnica.

⁷ As missões destas equipas eram tudo idêntico aos cães batedores da II Guerra Mundial mas com uma particularidade, para além de armadilhas, emboscadas, procuravam também fornecimentos de comidas ou de armas, atiradores - furtivos. Quando o cão dava o alerta, o tratador passava a informação para o líder da patrulha que fazia as suas tropas avançar (Ronaeillo, 2000).

⁸ A sua missão era detectar minas, fios armadilhados, túneis e outros aparelhos perigosos. Também auxiliavam na busca a aldeias ou áreas suspeitas, onde os inimigos pudessem ter provisões, armas e munições (Ronaeillo, 2000).

⁹ Para além do binómio esta equipa era constituída por um militar que tinha a missão de detectores e um líder de equipa. Os detectores eram chamados a intervir quando a unidade queria restabelecer o contacto com o inimigo. Os cães também eram treinados para localizar, o inimigo mas também pilotos desaparecidos e soldados feridos (Ronaeillo, 2000).

¹⁰ Estas equipas patrulhavam as áreas circundantes de uma localização e o seu principal modo de comunicação era a via rádio, depois de o cão dar o alerta. Na retaguarda desta equipa encontrava-se um guarda e uma equipa de resposta rápida. A sua missão era “detectar”, “deter” e “destruir” (Ronaeillo, 2000).

2.2 UTILIZAÇÃO DOS CÃES MILITARES POR OUTROS PAÍSES NA ACTUALIDADE.

Os Exércitos estrangeiros na actualidade, utilizam as suas unidades cinotécnicas em diversas situações de conflito e de catástrofe, recorrendo aos canídeos para efectuar as mais variadas operações militares nos seus actuais TO, bem como ao apoio as populações civis, constituindo-se como uma mais-valia para o sucesso das suas operações, nomeadamente para elevar o moral e estado psicológico das suas forças militares. Este facto é visível em vários Exércitos como: Israel, EUA e Reino Unido.

2.2.1 Israel

Devido aos constantes conflitos entre o Estado de Israel e os Estados Árabes, este está em alerta permanente, o que levou ao aparecimento nas Forças Armadas Israelistas e na Israel Defense Force (IDF), de uma unidade especial com capacidade cinotécnicas, a Oketz. Onde os cães militares são usados em tarefas específicas de patrulhas, detecção de explosivos em pessoas (homem-bomba) e em veículos (carros-bombas), e detecção de armadilhas e explosivos em ambiente de guerra urbana (Brites, 2009). Exemplo desta actuação, verificou-se quando na intervenção na Faixa de Gaza, foram usados cães militares na detecção de potenciais inimigos no interior dos edifícios, em missões de reconhecimento, actuando sempre na dianteira das forças, assim como na detecção de minas no solo, como se verificou na retirada do Exército Israelita do território Libanês (Brites, 2009). Desde 2002, esta unidade já foi capaz de impedir a realização de pelo menos 200 ataques suicidas (Viv, 2009). Outra vertente desta unidade é no apoio à população civil, mais concretamente nas missões de busca e salvamento, onde os cães são treinados para missões após às catástrofes naturais ou de ataque terroristas (Viv, 2009).

Em 2002 foi criada uma Organização Humanitária Internacional, sem fins lucrativos, designada por Pups For Peace, com o objectivo de proteger a população civil contra possíveis atentados terroristas. Ao contrário das Forças Armadas Israelitas que fornecem segurança no território e nas fronteiras de Israel, esta organização compra e treina cães com um único objectivo, a detecção de explosivos, reduzindo assim o número de baixas nos ataques terroristas (Peace, 2007).

2.2.2 Estados Unidos da América

Actualmente, todos os ramos das Forças Armadas dos EUA têm utilizando os cães militares nas patrulhas especializadas como, na detecção de drogas e de explosivos, havendo aproximadamente 600 a 700 destes caninos no Oriente Médio, em lugares como o Kuwait, Afeganistão, Arábia Saudita. Estes cães são ainda usados para patrulhar bases aéreas, quartéis, depósitos de munições e checkpoints (Ronaeillo, 2000). Segundo a Associação de Cães de Guerra dos EUA, as actuais equipas cinotécnicas, designados por K-9¹¹, têm um treino especializado para as missões de Manutenção de Paz (Ronaeillo, 2000). Durante o tempo de paz, estas equipas executam missões de apoio a população civil durante uma catástrofe, como foi o caso na catástrofe natural do Haiti, mas também no apoio as autoridades policiais, como na intervenção anti-droga e na protecção de altas entidades (Headquarters, 2005).

No actual TO do Afesganistão, as equipas K-9, desempenham funções em quase todas operações militares, onde existem mais de 2 000 militares que trabalham com estas equipas, obtendo resultados bastantes satisfatório nas suas missões, o que permitiu salvar muitas vidas humanas (Gilbert, 2010). Exemplo destas eficácia, é na detecção de novos explosivos usados pelos terroristas, os Improvised Explosive Devices (IEDs).

Uma das operações onde se contou com o apoio de meios cinotécnicos, no sentido de detecção de odores humanos, que permitiu a captura de elementos em pequenos túneis e em assoalhadas dissimuladas, foi em 2 de Maio de 2011, na operação levada a cabo por forças especiais dos EUA, na neutralização de Osama Bin Laden (Pinto, 2011).

¹¹ A expressão K-9 tornou-se uma designação popular nos anos 40/50 para o programa de cães de guerra, o seu uso foi alargado tanto dentro e como fora do âmbito militar.

O actual centro para cães, o 341st MWD Unit¹², é responsável pelo treino dos cães nas valências: de patrulha, busca de dogras e explosivos, assim como, outras missões específicas, para todo Department of Defense (DoD), bem como para outras agências governamentais, como é o caso da Central Intelligence Agency (CIA) (Headquarters, 2005).

2.2.3 Reino Unido

O Reino Unido têm uma longa experiência na utilização de cães militares, ainda hoje estes animais desempenham um papel preponderante ao lado das Forças Britânicas (Anónimo, 2010). Os cães, bem como, os seus tratadores/treinados estão altamente treinados para cumprir determinadas tarefas, tais como: detecção de explosivos e armamento, seguranças nas bases militares e em pontos sensível e check - points.

Actualmente, o Reino Unido têm usado estas equipas com bastante sucesso no TO do Afeganistão, onde têm ajudado o Exército Britânico no auxílio e reforço da segurança nas instalações das suas bases e armazéns de material militar, na busca e detecção de armamento e nos explosivos improvisados (IED's) (Gilbert, 2010). Uma das técnicas inovadoras que é utilizada pelas tropas da SAS inglesas, é na busca e progressão em áreas urbanizadas, onde utilizam o cão como “*esclarecedor*” equipando-o com uma câmara, o que permite um reconhecimento de áreas de potencial risco, evitando assim expor os restantes elementos da patrulha a atiradores furtivos e a inimigos escondidos nas áreas a progredir (Lima & Bragança, 2010).

2.3 EMPREGO DOS CÃES NO EXÉRCITO PORTUGUÊS

O emprego dos cães militares em operações militares ocorreu na década de 60, no conflito do Ultramar. A sua utilização neste TO, proporcionou um grande auxílio nas operações de combate. Actualmente o nosso Exército possui duas unidades, o Regimento de Lanceiros N.º 2 (RL2) e a Escola de Tropas Pára-quedistas (ETP), que utilizam os cães militares nas suas missões.

¹² Este centro de treino de cães estar situado na base aérea de Lackland, localizada em San Antonio, Texas nos EUA

2.3.1 O passado

Como a evolução de novos métodos de adestramento e consequentes êxitos em missões operacionais, não só no decorrer da II Guerra Mundial, mas também nos vários cenários bélicos, onde foram utilizados o binómio cinotécnico levou a que a partir de 1957 o Batalhão de Caçadores Pára-Quedistas (BCP), tenha iniciado a utilização de cães, para o desempenho de tarefas militares, nomeadamente para guardar as instalações e cumprir missões de combate, facto que, até então era desconhecida de qualquer unidade militar ou policial (Frelimo, 2000). Este facto era também, da consciencialização por parte dos altos comandos de Portugal, das limitações do soldado metropolitano que, em combate num meio hostil como a selva, se encontrava claramente em desvantagem quando comparado com os indígenas desses mesmos territórios, em que os seus sentidos eram bastante mais apurados (Lima, 2002). Assim em 23 de Novembro de 1957, o Capitão Pára-quedista Fausto Marques, o primeiro-oficial a frequentar o Curso de Tratadores de Cães de Guerra, em Linx perto de Estrasburgo, elaborou um relatório sobre o “Treino de Cães de Guerra”, em que chamava atenção para o facto, dos cães poderem serem utilizados, num futuro próximo, em acções militares no conflito do Ultramar, tendo referido no seu próprio relatório que Portugal com um vasto Império Ultramarino que tinha, em que os indígenas têm os sentidos bastantes mais apurados que o soldado metropolitano, encontrará com certeza nos cães, o seu maior e mais fiel guia e aliado (Lima in Marques, 2000). A aparição do cão militar em operações de combate, deu-se nos finais de 1960 em Luanda, quando um destacamento de cães de guerra¹³ foi enviado para assegurar a segurança da Base Aérea n.º 9, e na manutenção da ordem pública devido aos motins que se verificaram na capital Angolana (Frelimo, 2000). A sua utilização em Angola não só recaiu na guarda de instalações militares, mas também em missões de combate, nomeadamente: despistagem, ligação ou estafeta, detecção de minas ou pessoal e patrulhas, com resultados muito apreciáveis (Frelimo, 2000).

Apesar dos seus resultados bastante satisfatórios, surgiu alguns problemas relativamente à saúde dos cães, isto devido ao facto destes animais não se terem adaptado às condições do clima Africano, sendo atacados por doenças ao nível da pele, provocadas pelo calor, pela poeira e pela abundância de insectos (Rodrigues, 1987).

¹³ Nome adoptado pelos Pára-quedistas aos cães militares, que continuam na actualidade adoptar o nome de cães de guerra, só por tradição, pois foram a primeira Força Portuguesa a ter cães militares e a empregá-los num Teatro de Operações, e por ser a única força em Portugal, e das poucas no Mundo, que salta com cães de pára-quedas.

2.3.2 Na actualidade

Com a extinção do serviço militar obrigatório, verificou-se uma redução brusca da incorporação de novos militares para servir as fileiras nas Forças Armadas Portuguesas, o que veio provocar uma diminuição imediata ao nível operacional de muitas U/E/O, sobretudo nosso Exército (Brites, 2009). Esta redução do número de efectivos, e aliada à emergência das novas ameaças, com as exigências correspondentes dos níveis de segurança, tornam a decisão do uso do cão militar em missões de patrulhamento e de segurança de perímetro, nomeadamente em U/E/O com dimensão geográfica média e grande (Brites, 2009).

O uso de cães militares está regulamentado na Directiva n.º25/2000 do Vice-Chefe do Estado-maior do Exército (VCEME), onde se preconiza a existência de cães militares bem como as suas tarefas, nomeadamente de patrulha, busca e detecção de narcóticos¹⁴. O nosso exército possui várias raças de cães, que estão disponíveis para consulta no Anexo A, com diferentes capacidades de trabalho e aptidões naturais, distribuídos em duas Unidades, uma no Regimentos de Lanceiros N.º 2 e outra na Escola de Tropas Pára-quedistas, tendo as suas Companhias Cinotécnicas actuar diariamente em variadas missões específicas de cada unidade cinotécnica¹⁵, bem como em missões de interesse público.

As missões de interesse público estão previstas no Artigo n.º 46 da Lei 27/2006, que segundo a Lei de Bases da Protecção Civil, as Forças Armadas, entre outros, “são agentes de Protecção Civil de acordo com as suas competências próprias”. A Secção Cinotécnica dos Pára-quedista hoje em dia, está dotada com cães de busca e salvamento, sendo um dos meios mais eficaz e mais utilizados para localizar vítimas de terremotos, derrocadas e as demais possíveis situações de catástrofe. Esta secção cinotécnica, pode também contribuir com uma mais-valia para esta área cinotécnica específica, pois é a única que podem introduzir a terceira dimensão à equipa de busca e salvamento (Condutor + Cão + 2.º Elemento), isto é, têm a vantagem de poder chegar a locais de difícil acesso, ou até mesmo interditos durante os momentos críticos que se sucedem a uma ocorrência deste tipo, saltando como cão em pára-quedas, antecipando assim um tempo valioso no início das primeiras buscas por sobreviventes (Lima, 2010). Apesar das suas capacidades operacionais em participar nas variadas tarefas militares realizadas numa FND, nunca houve um aproveitamento destas Companhias nas actuais FND, ao contrário de outras unidades cinotécnicas das Forças Armadas, que já participaram com as suas equipas em missões internacionais. Como foi o caso da Companhia Cinotécnica da Força Aérea

¹⁴ Entrevista realizada ao 1ºSargento Pára-quedista Bragança. Ver em Apêndice C

¹⁵ Entrevista realizada ao Tenente - General Francisco Correia. Ver em Apêndice I

Portuguesa (FAP) que já tem experiência de utilização de cães militares no TO do Afeganistão¹⁶. No caso da GNR, também conta com uma larga experiência, no que diz respeito ao emprego de meios cinotécnicos em missões internacionais, a mais recente foi entre Fevereiro e Setembro de 2011, em missões de segurança das fronteiras externas da União Europeia, com polícias de outros Estados Membros (Pinto, 2011).

¹⁶ Entrevista realizada Capitão da FAP Mesquita. Ver em Apêndice F

2.4 CONCLUSÕES

Como conclusões, verificou-se que desde muito cedo o cão tem acompanhado o Homem nos variados conflitos, onde demonstraram ser uma mais-valia na ajuda aos exércitos que utilizam os seus binómios. Devido às suas excepcionais capacidades naturais, como a audição e olfacto, e aliadas ao respeito que demonstraram pela sua presença, quer no passado, bem como, na actualidade conseguiram e continuam a obter resultados positivos nos mais variados TO, conseguindo em algumas situações substituir alguns equipamentos por mais sofisticados que sejam. Disto são exemplo as unidades cinotécnicas usadas pelo exército dos EUA, que conta como uma longa experiência no uso de cães militares.

Já nos cenários dos conflitos mais recentes, como é o caso do TO do Afeganistão, o cão militar tem estado presente, onde as unidades cinotécnicas de vários países estrangeiros, têm executado as mais variadas missões com bastante sucesso, dando o seu contributo, nos patrulhamentos e controlo de tumultos nas ruas, guardas de unidades e postos sensíveis, na detecção de armamento, droga e explosivos, na detecção e seguimento de rastros de pessoas. Verificamos assim que a empregabilidade dos cães militares nas diversas missões pode ser diversificado, podendo ser também empregues na detecção de pessoas em catástrofes naturais ou provocadas pelo Homem, e na protecção às colunas de viaturas de ajuda humanitária.

O Exército Português tem duas unidades cinotécnicas com diferentes competências para actuar nas diversas tarefas militares realizadas numa FND. É ainda de concluir que as nossas Forças Armadas Portuguesas contam já com alguma experiência na utilização de cães no TO do Afeganistão, nomeadamente a Força Aérea Portuguesa, onde os resultados foram bastantes satisfatórios, bem como a unidade cinotécnica da GNR em missões internacionais.

CAPÍTULO 3 – USO DE CÃES NUMA FND

Nota introdutória

São muitos os países, que usam as suas unidades cinotécnicas nos actuais TO, apesar do Conceito de Defesa Nacional delineado para Portugal, referir que o emprego do Exército far-se-á preferencialmente além-fronteiras, integrado, as diversas Organizações Internacionais nas quais Portugal se integra, e do uso de cães militares estar regulamentado, e de já terem participado em diversos exercícios e missões de Interesse Público, onde demonstraram ser uma mais-valia no cumprimento das missões. Todavia, as unidades cinotécnicas do Exército nunca terem participado numa FND. Actualmente as duas unidades cinotécnicas existentes no Exército têm as devidas competências para actuar em qualquer operação além fronteira, realizando as tarefas militares que lhe são incumbidas, sendo a sua empregabilidade total em qualquer das missões descritas do novo Regulamento de Campanha.

Ao longo deste capítulo, faremos um breve enquadramento sobre a legislação em vigor para o uso de cães militares, quer ao nível nacional e internacional, assim como as competências das duas unidades cinotécnicas existentes em Portugal e finalmente as suas vantagens e desvantagens do seu uso numa FND.

Este capítulo encontra-se dividido em quadro subcapítulos. O primeiro subcapítulo aborda o enquadramento legal do uso de cães militares, o segundo subcapítulo refere-se as competências das secções cinotécnicas existentes no nosso exército, o terceiro subcapítulo identifica as operações onde os cães militares se enquadram e no quarto subcapítulo estão descritas as vantagens e implicações do seu uso numa FND.

3.1 ENQUADRAMENTO LEGAL

A existência de cães militares está contemplada na nossa legislação nacional na alínea C, do artigo 14.º - Classificação de Cães, da secção IV, do Capítulo I, da Postura Autárquica sobre Identificação, Registo, Licenciamento, Detecção e Circulação de Cães e Gatos na Via Pública, onde são classificados com a letra C, Cão para fins militares, policiais e de segurança pública.

Actualmente, o uso de cães militares está regulamentado na directiva n.º 25/2000 do VCEME, em que preconiza a existência dos cães, bem como as suas tarefas específicas, nomeadamente de patrulha, de busca e detecção. No âmbito das missões de Interesse Público, onde incumbem ao Exército, deparamos a existência de Cães de Busca e Salvamento no artigo n.º 46 da Lei 27/2006, Lei de Bases da Protecção Civil. No que diz respeito a legislação internacional, quando Portugal ratificou o STANAG 226, em que se compromete seguir a doutrina que constante no APP-12¹⁷, no seu capítulo 6, ponto 11.

3.2 COMPETÊNCIAS OPERACIONAIS DAS UNIDADES CINOTÉCNICAS DO EXÉRCITO

O Exército Português tem duas unidades cinotécnicas, uma no RL2 e outra na ETP. Cada uma destas unidades apresenta as suas componentes operacionais, passíveis de actuar em qualquer tarefas militar realizada numa FND e actuando em conjunto com outras forças para o cumprimento da missão.

3.2.1 Unidade Cinotécnica do Regimento de Lanceiros Nº2

A unidade cinotécnica do RL2, actualmente tem 13 binómios, sendo o seu quadro orgânico constituído por, 4 sargentos, 10 praças e 2 secções a 6 binómios¹⁸. Estas secções constituem um factor multiplicador de eficácia das forças de controlo de tumultos ou em missões de patrulhamento e segurança, garantindo ainda a protecção imediata e directa de tropas, instalações e equipamentos, isto devido à capacidade de alerta oportuno dos cães. Além destas competências recai também a detecção de drogas e de explosivos¹⁹.

¹⁷ Allied Procedural Publication – 12 – NATO Military Police Doctrine and Procedures. Ver em Anexo B

¹⁸ Entrevista realizada ao Sargento – Chefe Teixeira. Ver em Apêndice D

¹⁹ Entrevista realizada ao 1º Sargento Cavalaria Pentrisco. Ver em Apêndice E

Nas missões de detecção e controlo de drogas, o cão é a melhor arma, devido as extraordinárias capacidades olfactivas dos cães, para detectar eventuais consumidores e esconderijos destas substâncias, sendo um aliado de respeito no combate e repressão ao consumo e ao narcotráfico (Lima & B., 2010). No que se refere à detecção de explosivos estas missões podem ser executadas quer em ambiente de combate, quer em ambiente de imposição ou manutenção de paz, em que a fiabilidade e a rapidez de detecção de um canídeo devidamente treinado é superior aos detectores de explosivos robóticos, para além dos elevados custos dos softwares destes aparelhos (Lima & B., 2010).

3.2.2 Unidade Cinotécnica da Escola Tropas Pára-quedistas

A unidade cinotécnica da ETP, actualmente têm 20 binómios, sendo o quadro orgânico constituído por 2 sargentos, 4 cabos e 8 soldados, esta unidade cinotécnica, é designada por Secção de Cães de Guerra (SecCãesGuerra) em jeito de homenagem aos militares que a constituíram e combateram na Guerra Colonial²⁰. As suas actuais capacidades operacionais são fundamentalmente no âmbito da segurança de instalações ou de pessoal. Quando determinado superiormente, podem ser utilizados à segurança de bases de patrulhas próximas e afastadas, assim como, no âmbito da pistagem e do esclarecimento quando em progressão, e ainda na detecção de minas, armadilhas e emboscadas, busca e progressão em áreas urbanizadas e na divulgação da imagem e recrutamento do Exército²¹. No âmbito das Missões de Interesse Público, de acordo com o art.º 46.º da Lei 27/2006 (Lei de Bases da Protecção Civil), a SecCãesGuerra está também vocacionada para a vertente de busca e salvamento a vítimas de catástrofes naturais ou provocada pelo Homem (Lima H. , 2010).

Para além destas competências operacionais, a SecCãesGuerra, é a única em Portugal que tem a capacidade de infiltrarem os binómios por pára-quedas. Esta infiltração pode ser subdividida em dois tipos: Salto a baixa altitude (não superior a 1640 pés-500 metros); e Salto a grande altitude (Lima & B., 2010). Esta competência nas missões de Interesse Público, ou seja, na Busca e Salvamento, tem uma nítida vantagem de poder chegar a locais de difícil acesso ou até mesmo interditos durante os momentos críticos que sucedem a uma ocorrência por exemplo de catástrofe (Lima H. , 2010).

²⁰ Entrevista realizada 1ºSargento Pára-quedista Lima. Ver em Apêndice B

²¹ Entrevista realizada 1 Sargento Pára-quedista Lima. Ver em Apêndice B

3.2.3 Competências cinotécnicas do âmbito geral das duas forças

Actualmente estas duas unidades cinotécnicas do nosso Exército, apresentam várias competências operacionais possíveis de integrar qualquer FND. Assim sendo, podemos salientar as seguintes competências cinotécnicas:

Detecção de armamento, em que um cão devidamente treinado é uma inegável ferramenta para o combate ao tráfico e ao porte ilegal de armas (Campos, 1981).

Detecção de explosivos, como já foi referido, estas tarefas podem ser executadas quer em ambiente de combate quer em ambiente de imposição ou manutenção de paz, onde os cães demonstram uma grande vantagem em relação aos modernos detectores de explosivos robóticos (Lima & B., 2010).

Guarda e Patrulha, garantindo a segurança por exemplo: a bivaques, acantonamentos, quartéis gerais de campanha, patrulhas, canais de reabastecimento e apoio logístico (Campos, 1981).

Posto de Controlo (Check-Point), através da utilização do cão nas diferentes valências exemplo: binómio de guarda/patrulha para segurança, binómio detector de estufacientes, binómio detector de explosivos e binómio detector de armamento, nas revistas a viaturas e pessoal²².

Manutenção da ordem pública, onde o cão revela um valioso elemento de dissuasão psicológica, mas também um proficiente aliado na detecção de manifestantes (Esteves, 2010).

Missões de Interesse Público, no âmbito da Protecção Civil, em que os binómios cinotécnicos militares com as qualificações de busca e salvamento ou pistagem poderão ser empregues, na busca e detecção de pessoas desaparecidas, ou na detecção e salvamento a vítimas em situação de catástrofe (Lima H. , 2010).

Terapia assistida por animais, a utilização de cães nesta terapia é como uma ferramenta, actuando como catalizador assim os beneficiários deste tipo de terapia a ultrapassar traumas vividos através de sessões terapêuticas elaboradas e planeadas por técnicos especializado (Lima, 2010).

²² Entrevista realizada ao 1ºSargento Pára-quedista Lima. Ver em Apêndice B

Divulgação e cerimónias militares, onde são empregues os meios cinotécnicos para acções de demonstrações das suas competências, bem como para divulgação da imagem e recrutamento (Esteves, 2010).

3.3 TIPOS DE OPERAÇÕES MILITARES ONDE SE ENQUADRAM O USO DO CÃO MILITAR

Nas entrevistas realizadas e no manual FM 3-19.17 “Military Working Dogs”, podemos constatar alguns exemplos do uso do potencial dos cães militares, como: patrulhas de perímetros, patrulhas de segurança ou de reconhecimento de estradas; patrulhas e segurança de instalações; pisteiros (batedores); inspecções de edifícios para o uso das forças; segurança em pontos de controlo; controle de acessos; reconhecimento de áreas ou buscas; manutenção de ordem pública; detecção de explosivos/armas/minas e narcóticos; busca e salvamento em operações humanitárias; protecção da força e operações humanitárias; protecção da força e operações anti-terroristas; localização e recuperação em combate; guarda de prisioneiros; segurança de área e esclarecedores através da detecção de emboscadas; minas e armadilhas.

Quadro 3.1 Exemplos do uso do potencial do cão militar

Patrulhas de perímetros
Patrulhas de segurança ou de reconhecimento de estradas
Patrulhas e segurança de instalações
Pisteiros (batedores)
Inspecções de edifícios
Segurança em pontos de controlo
Controle de acessos
Reconhecimento de áreas ou buscas
Manutenção de ordem pública
Detecção de explosivos/armas/minas e narcóticos
Busca e salvamento em operações humanitárias
Protecção da força e operações anti-terroristas
Localização e recuperação em combate
Guarda de prisioneiros
Segurança de área e esclarecedores através da detecção de emboscadas; minas e armadilhas.

Segundo o novo Regulamento de Campanha e Operações, na sua parte III – Operações Terrestres, no Capítulo 14, Operações de Resposta a Crise (Crise Response Operations, CRO), existem as Operações de Apoio à Paz (Peace Support Operations, PSO) das quais se destacam as seguintes:

Operações de Manutenção de Paz (Peace Keeping, PK), estas operações decorrem do Capítulo VI da Carta das Nações Unidas com o intuito de monitorizar e facilitar a implementação de um acordo de paz, onde o uso da força é mínimo, e limitado a preocupação com legítima defesa e mantendo o nível de consentimento das ambas partes.

Operações de Imposição da Paz (Peace Enforcement, PE), estas decorrem no âmbito do Capítulo VII da Carta das Nações Unidas, e geralmente decorre quando não há consentimento entre as partes. Visam sobretudo restabelecer, manter a paz ou impor o cumprimento dos termos de um mandato. As forças que são empregues devem possuir adequadas capacidades de combate.

Operações de Prevenção de Conflitos (Conflict Prevention Operations, CP), as acções desenvolvidas nestas operações são essencialmente de prevenção ou controlo de disputas que possam conduzir a situações de um conflito armado.

Operações de Restabelecimento da Paz (Peace Making, PM), nestas operações englobam actividades diplomáticas que são conduzidas após o início do conflito tendo em vista alcançar um cessar-fogo ou um rápido acordo de paz. O apoio militar decorre de forma indirecta ou de forma directa pelo emprego de meios militares.

Operações de Consolidação da Paz (Peace Building, PB), engloba todas as actividades que apoia medidas políticas, económicas, sociais e militares com o objectivo de fortalecer os acordos políticos e diminuir as causas de conflitos. O envolvimento militar é assegurar um ambiente seguro e estável que permita às agências civis focalizarem o seu esforço no processo de consolidação da paz.

Operações Humanitárias (Humanitarian Operations HO), nestas operações destinam-se a aliviar o sofrimento humano das populações, onde as autoridades responsáveis não conseguem alcançar. As forças militares garantem a realização das actividades humanitárias que são realizadas pelas organizações civis especializadas.

Mas também existem outras Operações de Resposta à Crise, onde se destacam, o Apoio a Operações Humanitárias, Apoio a Assistência a Desastres e Busca e Salvamento e Apoio às Autoridades Civas.

Em todas estas missões o uso do cão militar é possível de ser enquadrado, podendo ser empregue onde quer que os comandantes julgam ser mais vantajoso (Lima & B., 2010). Nas Operações de Resposta a Crise, o cão pode ser empregue em missões de protecção da força, reserva e em protecção de pontos sensíveis. O seu emprego nas missões das Operações de Manutenção de Paz (PK) e nas missões das Operações de Consolidação da Paz (PB) é muito importante, isto devido à capacidade natural do cão, para a detecção e busca de armamento, droga e explosivos, tanto em viaturas e pessoas nos pontos de controlo (Check-Point), como em armazéns, casas e outro tipo de instalações, bem como no controlo de tumultos e no patrulhamento das ruas. Nas Operações Humanitárias, o emprego deste meio assume extrema importância nos actuais Teatros de Operações, nomeadamente na detecção de pessoas, mortas ou vivas, em situações de catástrofe natural ou provocadas pelo Homem, ou ainda podendo garantir segurança e protecção da força numa determinada área, através da detecção de explosivos, armas, drogas e minas (Brites, 2009).

Quadro 3.2 Tipo de operações onde se enquadram o uso do cão militar

Operações de Manutenção de Paz
Operações de Imposição da Paz
Operações de Prevenção de Conflitos
Operações de Restabelecimento da Paz
Operações de Consolidação da Paz
Operações Humanitárias

3.4 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO USO DE CÃES MILITARES NUMA FND

Após uma análise documental e à análise de conteúdo das entrevistas podemos apontar quais as vantagens e desvantagens do uso de cães militares numa eventual integração numa FND, tais como:

3.4.1 Vantagens

A utilização do cão numa FND, pode oferecer as seguintes vantagens:

Economia de meios e pessoal – Na missões de segurança e guarda aos perímetros nos aquartelamentos das Forças, onde a utilização de cães para este fim poderá substituir a presença de cerca de 3 a 8 sentinelas de guarda a um posto fixo, permitindo assim aos Cmdts das FND empregar os seus homens noutra local. Um cão bem treinado para a detecção de explosivo pode em muito substituir os meios detectores de explosivos robóticos (Brites, 2009).

Versatilidade de emprego em diferentes cenários – tais como: patrulhas, segurança de pessoal e instalações, manutenção de ordem pública, segurança em pontos sensíveis (CheckPoints) (Lima H., 2011).

Aumento de segurança nos aquartelamentos e instalações – Aumento do controlo nas entradas nos aquartelamentos e instalações, devido às capacidades dos cães na detecção de explosivos e substâncias ilícitas (Prentisco, 2011).

Manutenção económica – Por exemplo na alimentação de um cão que é em muito mais económica do que a alimentação de um soldado, isto porque a alimentação de um cão é constituída por uma refeição diária (Campos, 1981).

Qualidades peculiares – Onde o cão possui tais qualidades, em que o recomendam a todos os títulos como companheiro ideal do Homem, no desempenho das mais diversas missões. A sua docilidade e fidelidade, extrema coragem, dedicação sem limites, extraordinária mobilidade, o seu olfacto e audição são algumas qualidades que só caracterizam o cão e que o tornam imprescindível e insubstituível (Gonçalves, 1996).

Efeito moral – com a utilização deste meio produz sobre os elementos contra os quais queremos actuar. Quer sobre o indivíduo isolado, quer sobre uma multidão, a presença de um cão treinado e dotado das características que lhe são peculiares, é sempre um factor que conta a nosso favor, muito especialmente porque o cão trabalha integrado no binómio, homem – cão (Campos, 1980).

Efeito psicológico – Pela sua presença provoca um conforto psicológico das nossas tropas, por exemplo em algumas tarefas, como detectar e morder eventuais ameaças, detecção de explosivos, na manutenção da ordem pública, onde a sua presença provoca uma dissuasão psicológica, bem como, no âmbito das actividades assistidas e da terapia assistidas por animais (Brites, 2009).

3.4.2 Desvantagens

Apesar da grande versatilidade do uso de cães militares em missões e tarefas militares, o seu emprego apresenta algumas implicações ou inconvenientes, como:

Limitações de emprego – A utilização de cães militares em ambientes com excesso de vento, de calor, de humidade ou de neve, e dada a forma como são treinados, podem condicionar o sucesso das missões e provocando desgaste nos animais (Brites, 2009).

Necessidade em prever a logística – A presença dos serviços de veterinária, alimentação, construção de canis, viaturas para o transporte de canídeos e material para o seu treino de manutenção (Lima H., 2011).

Existência de períodos de treino – Em que estes períodos devem ser mantidos entre os serviços, e são necessários para manter as equipas com elevado grau de proficiência. (Gonçalves, 1996).

A utilização dos cães pode ser perigosa – A sua utilização de uma forma inadequada, pode provocar efeitos negativos na opinião pública, pelo que deve ser tomado em conta nas diversas modalidades de emprego, tendo sempre em atenção que um cão solto e mal treinado pode constituir uma séria ameaça para as pessoas que se encontram perto da zona da sua actuação (Gonçalves, 1996).

Meio cultural – As limitações que podem ocorrer ao meio cultural advêm sobretudo da cultura de algumas sociedades, nomeadamente a sociedade mulçumana, em que considera que o cão é um animal impuro, o que leva que a sua presença em alguns TO, como é o caso do Afeganistão, não seja bem aceite pela sociedade (Esteves, 2010).

Disciplina de ruídos – Nas situações em que a missão tem de ser executada no mais completo silêncio, se utilizar um cão que não esteja devidamente treinado, poderá denunciar a presença das nossas forças ao inimigo, isto devido ao impulso dos cães (Bragança, 2011).

3.5 CONCLUSÕES

Verificamos que o uso de cães militares encontra-se previsto na lei na Legislação Nacional e Internacional, onde está estipulada a sua doutrina para o modo de emprego nas missões dentro do nosso território, bem como o seu emprego além fronteiras.

As actuais unidades cinotécnicas do Exército apresentam várias competências operacionais capazes de acompanhar FND na realização de qualquer missão de acordo com o novo Regulamento de Campanha. Mesmo nas operações em que o emprego das unidades cinotécnicas não seja necessário, o seu emprego pode ser feito noutros locais, como por exemplo vigilância do próprio aquartelamento das forças, podendo substituir a presença de militares, permitindo ao Cmdt, dessa força empregar os homens/meios noutra local.

Apesar de algumas limitações, considera-se que a utilização de cães militares traz inúmeras vantagens e que, este está sempre pronto para executar tudo o que lhe é ordenado, independentemente da sua condição física e, apesar das limitações que possa estar sujeito, a sua vontade de trabalhar é sempre de cem por cento. A garantia de sucesso da missão depende somente da visão táctica dos comandantes e do seu prévio conhecimento das limitações dos cães.

II PARTE – PARTE PRÁTICA

CAPITULO 4 – METODOLOGIA DA PARTE PRÁTICA

Nota introdutória

Depois das conclusões da parte teórica do trabalho, surge a parte prática do trabalho, em que num trabalho de investigação deste tipo, a metodologia adoptada tem como finalidade a aquisição de conhecimento, de forma ordenada e sistemática de encontrar respostas para questões e, como tal, um caminho ou conjunto de fases progressivas que conduzem a um fim, ou seja, a obtenção de respostas eficazes às questões derivadas de forma a verificar a validade das hipóteses, para assim chegamos a uma resposta credível da questão central Reis (2010). Na parte teórica, efectuamos uma pesquisa exploratória, através da leitura de bibliografia específica, mas também das entrevistas realizadas as pessoas que tiveram experiências práticas com o tema (Reis, 2010). Que nos permitiu verificar qual a empregabilidade das actuais equipa cinotécnicas do Exército, numa FND. Assim com o intuito de dar mais credibilidade às hipóteses apresentadas, optou-se pela realização de entrevistas a vários especialistas na área da cinotécnia dos vários ramos da Forças Armadas e a Forças Militarizadas, como foi o caso da Guarda Nacional Republicana (GNR), bem como ao Cmdt do CID, para descobrir os aspectos a ter em conta e alargarem ou rectificarem o campo de investigação da leitura, bem como para a obtenção das perguntas e respostas, para a realização de inquéritos a vários Oficiais que participaram em diversas FND.

O objectivo deste capítulo é expor o método científico que aplicamos no trabalho de investigação, através do uso dos dados obtidos pela pesquisa de campo e confrontar com as hipóteses apresentadas. Assim ao longo deste capítulo serão referidos alguns métodos metodológicos sobre a investigação realizada, quais os procedimentos e técnicas de recolha de dados, bem como os critérios de selecção da amostra das entrevistas.

Este quarto capítulo encontra-se dividido em dois subcapítulos. O primeiro subcapítulo, faz referência as questões, onde identifica quais as questões práticas. O segundo subcapítulo diz respeito aos procedimentos e técnicas que foram utilizados para obtenção de dados de modo a possibilitar se as hipóteses são ou não verificáveis.

4.1 HIPÓTESE PRÁTICAS

As questões práticas deste trabalho são essencialmente três. A primeira prende-se com as missões onde as equipas cinotécnicas do nosso Exército seriam mais úteis. A segunda questão refere sobre as vantagens do seu emprego numa FND. Finalmente a terceira prende-se com as implicações do emprego destas equipas, a nível do seu emprego numa FND.

Hipótese 1 (QD1): As equipas cinotécnicas podem executar qualquer tarefa militar numa FND.

Hipótese 2 (QD2): As equipas cinotécnicas têm como vantagens a detecção de explosivos, armamento e de drogas nos Check - Points.

Hipótese 3 (QD3): A cultura é um factor limitativo ao uso de equipas cinotécnicas.

Para responder as questões práticas foi levanta várias hipóteses, em que a organização de uma investigação em torno de hipóteses de trabalho constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor, onde as hipótese fornece à investigação um fio condutor particularmente eficaz que, a partir do momento em que ela é formulada, substitui nessa função a questão da pesquisa, mesmo que esta deve permanecer presente na nossa mente (Campenhoudt,1995). Assim a primeira hipótese à primeira questão prática, diz respeito, se estas equipas podem realizar qualquer tarefa militar numa FND. A segunda hipótese, é sobre as extraordinárias características naturais dos cães, como a audição e o olfacto, se trazem algumas vantagens para o uso em missões militares como aumento da segurança e controlo, por exemplo em Check - Points. Finalmente a terceira hipótese tem de a ver com o facto se existe alguma implicação ao nível da cultura de determinadas sociedades, que poderá influência na realização das suas missões.

4.2 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

A investigação iniciou-se com uma revisão de literatura, com intuito de recolher máxima informação possível e reunir os conceitos teóricos necessários para compreendermos os conceitos relacionados com a temática da cinotécnica na actualidade, e ainda com a realização de entrevistas, em que através da análise de conteúdo se procurou levantar várias categorias, que numa segunda fase foram validadas através da aplicação de um questionário a uma amostra com experiência de Comando nas FND.

Depois da aquisição destes conceitos foram efectuados alguns contactos com pessoas com conhecimentos teóricos e práticos na área da cinotécnica. Com a obtenção destes dados, fornecidos através das entrevistas e dos questionários, procedemos à averiguação das hipóteses, se são ou não verificáveis.

4.2.1 Entrevista

As entrevistas tem como função principal a revelação determinados aspectos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras (Campenhoudt, 1995). As entrevistas realizadas foram semi-estruturadas em que o entrevistador segue, de forma aleatória, um conjunto de questões provinientes de um quadro teórico, de modo a aprofundar a evolução daquela população que está a investigar (Reis, 2010). Mas também estas entrevistas realizadas tiveram como propósito testar as hipóteses deste trabalho, bem como para elaboração dos questionários, que através da análise de conteúdos foram levantadas várias categorias.

A partir das categorias levantadas e de acordo com a sua frequência foi elaborado um questionário que foi aplicado aos Oficiais com experiência em TO para confirmação e validação da análise de conteúdos à entrevista.

Os locais onde se realizaram estas entrevistas foram espaço definidos, logo através do contacto telefónico, pelos os entrevistados, normalmente nos locais de trabalhos, por serem os melhores locais para a realização dessas entrevistas, porque é preciso procurar que a entrevista se desenrole num ambiente e num contexto adequados. É inútil esperar uma entrevista aprofundada e autêntica se esta se desenrolar na presença de outras pessoas, num ambiente barulhento e desconfortável, logo estes locais não se revelaram como sendo um factor limitativo (Campenhoudt, 1995).

Nesta investigação, os critérios de selecção da amostra da população-alvo, em que segundo Reis (2010,p. 74-75), “...designa a totalidade dos indivíduos que possuem as mesmas características ou partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios, isto é, toda a população que o investigador está interessado em pesquisar. Designa também um conjunto ou totalidade de objectos, sujeitos ou membros que estão em conformidade com um conjunto de especificações”. Assim de modo a obter um maior leque de opiniões, foram entrevistadas pessoas com vasta experiência e conhecimento na área da cinotécnia, nomeadamente pessoas dos três Ramos das Forças Armadas, - duas à ETP e duas ao RL2, uma à Marinha, uma à Força Aérea Portuguesa, uma à Guarda Nacional Republicana (GNR), e finalmente foi efectuada uma entrevista ao Cmdt do CID. Só desta forma foi possível extrair informação credível e revelante para este estudo.

Para a realização destas entrevistas foi utilizado um meio de gravação, um pequeno gravador, que permitiu proceder a uma análise mais detalhada destas mesmas entrevistas. As perguntas das entrevistas seguirão de acordo com um guião, onde os entrevistados procurarão responder com clareza as perguntas, dando a sua opinião sobre alguns assuntos relacionados com a temática, conforme o Apêndice A.

4.2.2 Questionários

Os questionários²³ foram criados a partir da análise de conteúdos das entrevistas realizadas aos vários especialistas desta temática da cinotécnia, onde foram levantadas várias categorias. O questionário é uma técnica de observação que tem como objectivo recolher informações baseando-se numa série ordenada de perguntas que devem ser respondidas, por escrito, pelo respondente, de forma a avaliar as atitudes, as opiniões e o resultado dos sujeitos ou recolher qualquer outra informação junto dos mesmos. A sua importância consiste na facilidade de se interroga um elevado número de pessoas, num curto espaço de tempo (Reis, 2010).

Pretendeu-se com este questionário medir as opiniões do público - alvo que nesta investigação foi constituído por 20 Oficiais, que participaram nos diferentes TO, tais como: Líbano, Kosovo, Bósnia-Herzegovina, Timor-Leste e por fim o Afeganistão. A escolha deste universo, deveu-se ao facto dos inquiridos, ocuparem funções de Comando no diferentes escalões e que devido ao planeamento, estes eram os primeiros a detectar as deficiências

²³ Em Apêndice K.

dos recursos que estavam ao seu dispor, reforçando assim as opiniões dos vários especialistas na área da formação desta temática da cinotécnica.

Assim a escala utilizada nestes questionários foi a VAS (Visual Analogue Scales), em que este tipo de escala se baseia numa linha horizontal apresentado nas extremidades duas proposições contrárias, os questionários obedeciam a um grupo de respostas fechadas a cada questão, em que cada inquerido seleccionou a opção (sim ou não) que lhe pareceu mais adequada. Estas questões fechadas permitiram uma análise estatística dos dados recolhidos (Reis, 2010).

CAPITULO 5

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

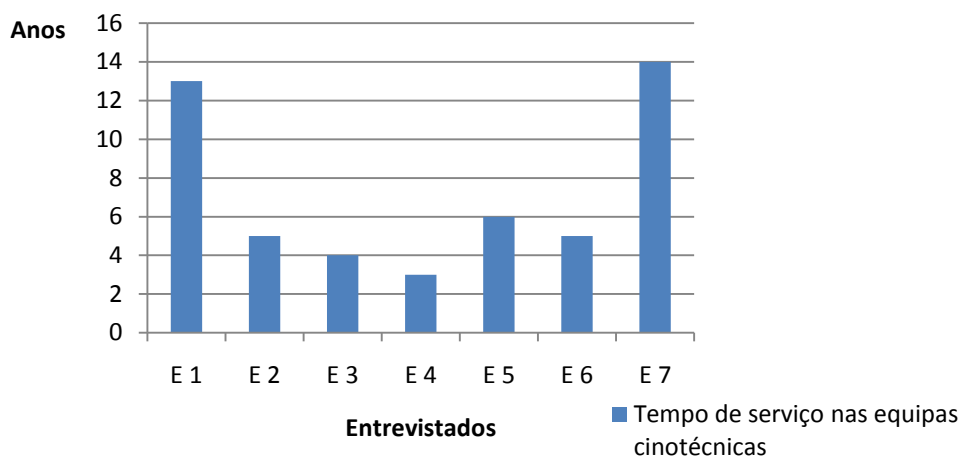
Nota introdutória

O objectivo da análise e do tratamento dos dados foi verificar se as informações obtidas validam as hipóteses formuladas, isto é, se os resultados que foram observados vieram a corresponder com os resultados esperados. Assim o objectivo deste capítulo é fazer uma análise e discussão dos dados obtidos, e o respectivo tratamento dos mesmos. Esta recolha foi orientada segundo os procedimentos e técnicas já referidos no capítulo anterior.

5.1 ENTREVISTAS

Como já referido as entrevistas que foram realizadas, tiveram como intuito obter a máxima informação sobre esta temática, bem como a validação das hipóteses. Assim iremos fazer a análise das entrevistas que foram realizadas, nomeadamente aos indivíduos que na actualidade foram ou são responsáveis pela formação na área da cinotécnica.

Gráfico 5.1 Caracterização dos Entrevistados



Para facilitar a análise das respostas às perguntas mais pertinentes, dadas pelos entrevistadores, fizeram-se quadros, em que o seu objectivo foi a filtração da informação considerada pertinente para a temática em questão, em que estão apresentadas as ideias-chaves de cada entrevistado, que poderá ser consultada no Apêndice J.

Assim relativamente à questão quatro, em que faz referência aos tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND, às respostas dadas a esta pergunta segundo a opinião dos entrevistados, podem ser as seguintes: Busca e detecção de drogas/Explosivos e Armamento (Check - Points); Segurança de prisioneiros; Manutenção da ordem Pública; Busca e Detecção de pessoas; Patrulha de itinerários; Patrulhamento de aglomerados populacionais; Segurança a pessoal e a instalações (Segurança Interna) nos aquartelamentos; Patrulhas de Segurança em Patrulhas de Reconhecimento e Busca e revista em áreas urbanas.

A sétima pergunta onde se pedia a opinião dos entrevistados, sobre as vantagens do emprego cinotécnico numa eventual integração numa FND, as respostas dadas foram unânimes, das quais podemos destacar as seguintes: Economia de meios/pessoas, Aumento da Segurança/Controlo (Ex: Detecção de Drogas, Explosivos e armas), Eficácia na manutenção Pública, Versatilidade de emprego em diferentes cenários, conforto Psicológicos das NT, Maior eficácia na detecção da ameaça (Ex: Check - points, manifestações, operações de busca e recolha de armamento e munições), Manutenção económica e Efeito psicológico dissuasor sobre o adversário.

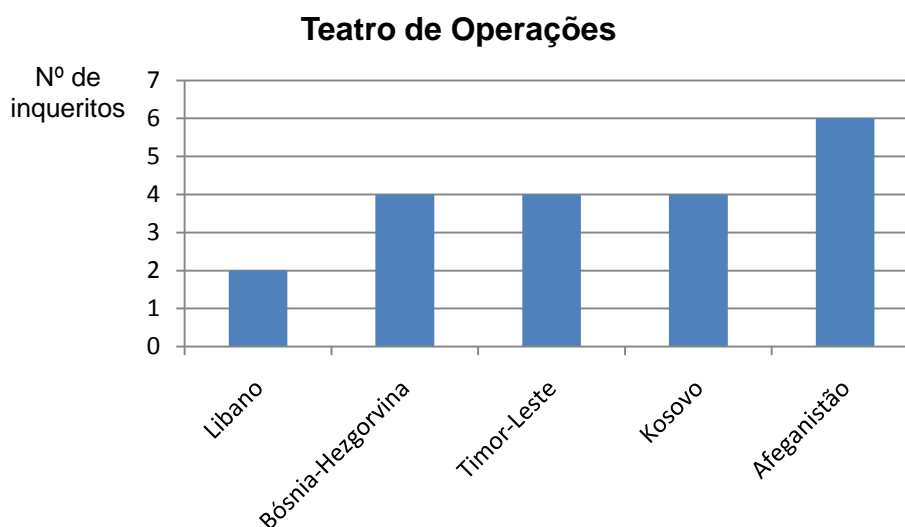
Finalmente a última questão pertinente, refere-se às desvantagens do uso de binómios numa FND, onde podemos constatar que as respostas segundo os entrevistados foram: a nível cultural, em que determinadas culturas e tradições podem ser um factor negativo o uso de binómios, como é o caso da sociedade muçulmana que considera o cão como sendo um animal impuro, a logística necessária para o TO, ou seja, cuidados veterinários, alimentação, construção de canis, viaturas para o transporte de canídeos e material para o treino de manutenção. A nível das limitações dos binómios às condições climáticas e finalmente a quebra do efeito de surpresa, é salientar que muitos dos inqueridos que durante a sua participação numa FND, foram testemunhos do empenho de meios cinotécnicos de outros países referiram que muitas vezes estas limitações dependem do tipo de treino dos cães, que hoje em dia os cães encontram-se tão bem preparados para resistir a qualquer condição climática, bem como para actuarem de modo de um silêncio total.

Assim podemos verificar que a opinião dos entrevistados vai de encontro com a opinião dos diversos autores referidos na revisão da literatura.

5.2QUESTIONÁRIOS

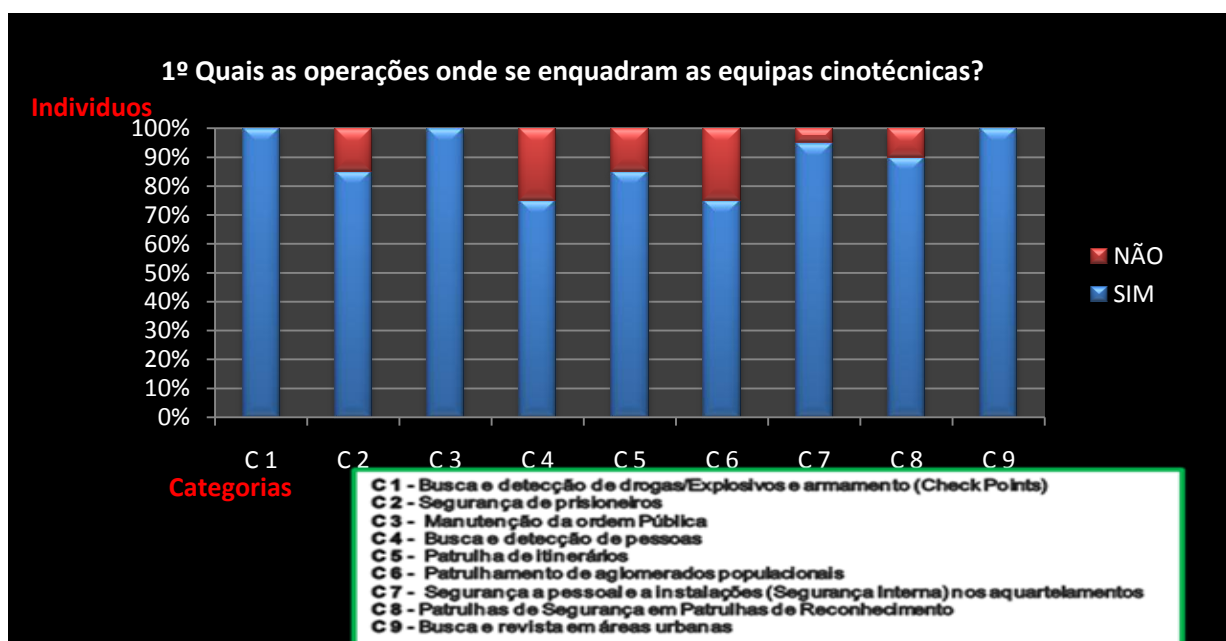
Os questionários realizados aos Oficiais que participaram nas diversas FND, conforme a representação no seguinte gráfico, em que o objectivo destes, era a confirmação das respostas dos vários entrevistados, responsáveis pela formação na área da cinotécnica, bem como para reforçar a validação das hipóteses as questões derivadas.

Gráfico 5.2 Quantidade de inqueridos em cada Teatro de Operações



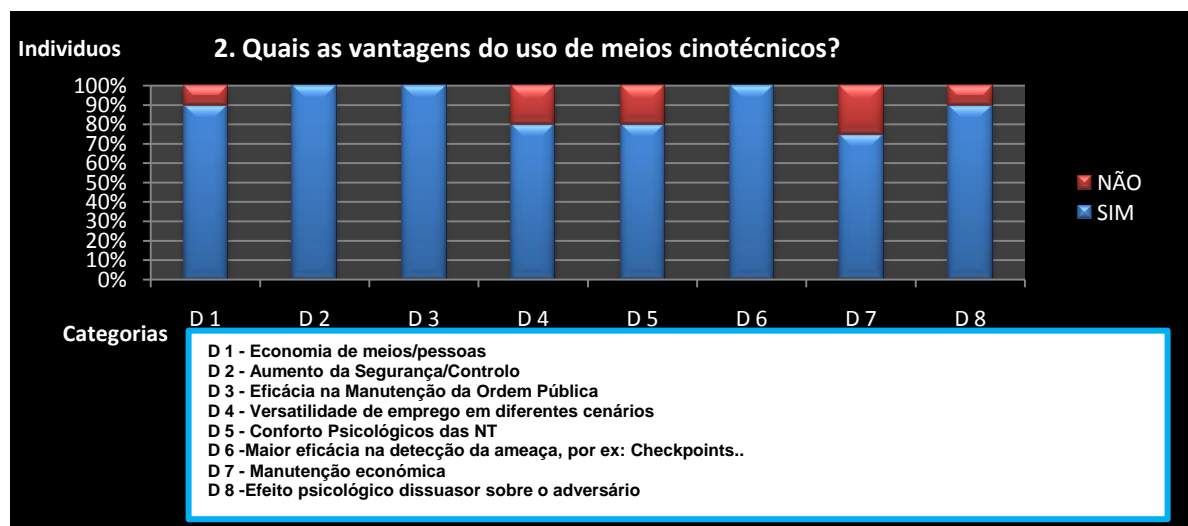
Assim no que diz respeito a primeira pergunta, onde se referia que tipos de operações realizadas numa FND, em que se pode empregar uma equipa cinotécnica, os resultados a esta questão encontram-se no gráfico 5.3, onde podemos verificar que tais resultados foram bastantes satisfatórios, obtendo percentagens acima dos 70%. Podemos assim destacar que na opinião dos inqueridos sobre o uso de binómios, é bastante favorável, considerando que o uso deste meio é indispensável em qualquer tarefa militar, sendo uma mais – valia na realização do cumprimento dessas tarefas e uma entre ajuda quer para a própria FND quer para qualquer Cmdt da FND ou simplesmente para o Cmdt de pelotão.

Gráfico 5.3 Análise de Resultados da Questão Nº1



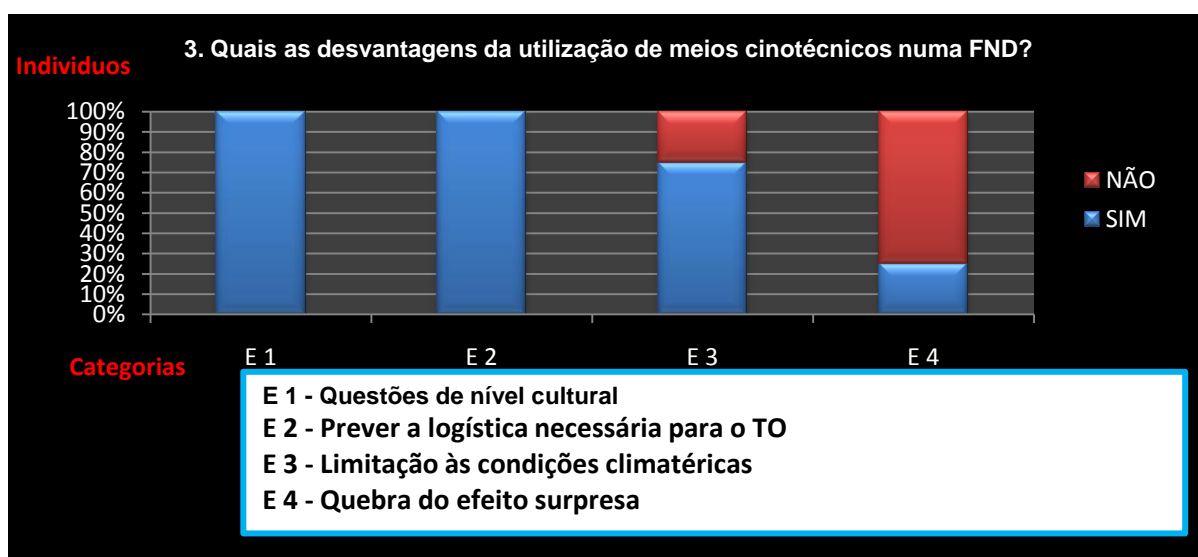
Analisando o gráfico 5.4, onde estão representadas as vantagens do uso de binómios numa FND, verificamos que as grandes vantagens apontadas pelos inqueridos foram o aumento da segurança e controlo, a eficácia na manutenção da ordem pública e o efeito psicológico dissuasor sobre o adversário, que na sua globalidade apresenta uma ordem de 100%. A segunda vantagem da sua utilização, com cerca de 90% é a economia de meios e pessoas, bem como o efeito psicológico dissuasor sobre o adversário. Cerca 80%, optaram pela versatilidade de emprego em diferentes cenários e o conforto psicológico das nossas tropas. Finalmente acima dos 70% dos inquiridos seleccionaram a sua manutenção económica, em que questionaram o custo da requisição, bem como o tempo para treinar os cães para cada tarefa.

Gráfico 5.4 Análise de Resultados da questão Nº2



Finalmente o último gráfico, em que representa a opinião dos inqueridos sobre as desvantagens que poderá ter o uso de binómios numa FND, verificamos que 100% responderam afirmativo a respeito a prevenção logística necessária num TO, e cerca de 75% responderam de forma negativa em relação à quebra de surpresa, dando como justificação, a seu testemunho do trabalho realizado pelas unidades cinotécnicas dos outros países, onde testemunharam que um cão devidamente treinado executa qualquer tarefa imposta no máximo silêncio, e também supera as suas limitações às condições climatéricas, representadas aqui no gráfico acima dos 70%. Outra grande desvantagem é ao nível de determinadas culturas, principalmente a cultura muçulmana que considera o cão como animal impuro, onde a globalidade dos inqueridos responderam sim.

Gráfico 5.5 Análise de Resultados da questão Nº3



Destas justificações apresentadas anteriormente, uma merece destaque de um Oficial que se encontra no TO do Afeganistão:

“De referir que na cultura muçulmana o cão é considerado um animal impuro (mas isso está a começar a perder-se na sua cultura) o porco continua a ser o animal proibido, e isso vê-se no facto de já imensos Afegãos terem o cão como animal de estimação. Em conversas com os tradutores e militares afegãos com quem trabalho todos os dias, o cão é um animal respeitado por eles, mas estamos a falar de pessoas que são letradas e têm contacto com as Forças Internacionais. Alguns deles inclusive estão cada dia que passa a tornar-se mais Ocidentais fruto do contacto com as nossas culturas, com a literacia e contacto com os meios de comunicação, exemplo disso é o facto de alguns usarem jeans, beberem álcool, urinarem de pé (principalmente quem vive nas grandes cidades Kabul, Kandaar, Jalalabaad, Herat, Mazar-e-Sharif, de resto fruto do afastamento aos meios de comunicação e contacto com os povos ocidentais, os homens urinam de joelhos e ainda há hábitos que para eles

são estranhos como por exemplo falar com uma mulher que não seja a sua). No toca ao TO em que me enquadro (Afeganistão) e tendo em conta que este é o mais perigoso Cenário de Guerra e tido como referência para a alteração das Tácticas e Estratégias Militares que adoptávamos até 2001, o cão está a começar a ser bem aceite pela população, também fruto do que eles vêem os cães a fazer com as forças internacionais que operam aqui (isto está relacionado com o facto de a população aceitar a intervenção da ISAF e da NATO neste cenário como força que os protege dos Insurgentes que todos os dias matam inúmeros civis). Em termos operacionais é extremamente viável a sua utilização por nós Exército Português, principalmente no que toca à detecção de explosivos e drogas, daí a sua exponencial e principal utilização neste cenário.”

CAPITULO 6

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Nota introdutória

No culminar da investigação, e depois da análise de toda informação obtida, quer através de uma análise bibliográfica quer da análise das entrevistas realizadas, mas também dos dados obtidos através dos questionários, podemos verificar se as hipóteses levantadas às respectivas questões derivadas são ou não verificáveis, mas também apresentar uma resposta à questão central. Para finalizar, serão ainda apresentadas as limitações encontradas no decorrer deste trabalho de investigação, assim como algumas recomendações para futuras investigações dentro desta temática.

Assim o leitor encontra este capítulo dividido em cinco subcapítulos. O primeiro refere-se à verificação das hipóteses, seguindo-se com a respectiva resposta à questão central no segundo subcapítulo. No terceiro subcapítulo às conclusões finais, seguido as limitações encontradas na investigação realizada no quarto subcapítulo e por fim as recomendações para as futuras investigações no quinto subcapítulo.

6.1 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES

Durante esta investigação a esta temática aglomerou-se um grande conjunto de dados de forma organizada e conclusiva, com o objectivo de responder e validar as hipóteses que foram formuladas, de forma a responder à pergunta de partida. Assim no que diz respeito à primeira questão (**QD1**), em que referia “Que tipos de missões seriam estas equipas mais úteis?”, a hipótese (**H1**) levantada para tal pergunta foi “as equipas cinotécnicas podem executar qualquer tarefa militar numa FND”. Podemos afirmar que esta hipótese (**H1**) verifica-se na sua totalidade, não só pela interpretação da bibliografia, das entrevistas realizadas aos actuais responsáveis pela formação da cinotécnica, mas também pelos dados obtidos pelos inqueridos à primeira pergunta do questionário, onde os inqueridos na sua globalidade afirmaram que existe uma totalidade de emprego de meios cinotécnicos em qualquer tarefa militar numa FND.

A segunda questão (**QD2**), era averiguar se era “vantajoso o uso das equipas cinotécnicas numa FND?”, para tal a hipótese (**H2**) levantada foi, “as equipas cinotécnicas têm como vantagens a detecção de explosivos, armamento e de drogas nos Check - Points”. Assim podemos afirmar que esta hipótese (**H2**) verifica-se, não só na opinião dos entrevistados mas também dos inqueridos em que na sua globalidade responderam de forma positiva na categoria que referia, maior eficácia na detecção de explosivos, armamento e de drogas nos Chek-Points..

Por último a terceira questão (**QD3**), onde se pretende averiguar se “ existe implicações ao emprego destas equipas nas operações militares realizadas numa FND?”. Assim para responder a esta questão a hipótese (**H3**) levantada foi que “ a cultura é um factor limitativo ao uso de equipas cinotécnicas”. Através da pesquisa bibliográfica, e das entrevistas aos especialistas nesta temática, esta hipótese (**H3**) verifica-se, através da confirmação da opinião dos Oficiais que participaram nas FND, onde tiveram a oportunidade de verificar o emprego de meios cinotécnicos dos outros países. No que diz respeito a determinadas culturas que consideram que o cão um animal impuro, quer na opinião dos entrevistados bem como dos inqueridos esta desvantagem deve ser tomada em conta, contudo podemos salientar o testemunho de um Oficial a cumprir uma missão no actual TO do Afeganistão, refere-se que esta restrição está a começar a perder-se na sua cultura, facto de já imensos Afegãos terem o cão como animal de estimação, isto devido ao contacto com outras forças internacionais que utilizam cada vez mais os seus meios cinotécnicos nas suas missões.

6.2 RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL

A questão central desta investigação foi a seguinte, “A empregabilidade de binómios cinotécnicos será um factor de sucesso na execução das missões realizadas numa FND?”. Para verificar se a resposta a esta questão central foi conseguida, analisou-se as questões derivadas, e podemos concluir que **sim**, que a sua empregabilidade é um factor de sucesso para quaisquer operações realizadas numa FND. Através das várias entrevistas e dos inqueridos, verificamos que as unidades cinotécnicas existentes no Exército, estão aptas para realizar qualquer tarefa militar numa FND, independentemente das desvantagens que poderá ter a sua utilização numa FND, ou seja, ao nível logístico, quer ao nível cultura, quer mesmo das condições atmosféricas, verificamos que as suas vantagens superam em muitos as implicações, onde o aumento de modalidades de acção permiti a qualquer Cmdt uma reorganização de recursos e meios, empregando tais recursos e meios noutros locais.

6.3 CONCLUSÕES FINAIS

Apesar do desenvolvimento da tecnologia para fins militares, continua a verificar-se que muitos países, recorrem à utilização de binómios cinotécnicos no cumprimento da sua missão. Nenhum avanço tecnológico, substitui as características extraordinárias do melhor amigo do Homem, o cão. Como já referimos anteriormente, a empregabilidade das Equipas Cinotécnicas no Exército é um factor de sucesso para qualquer operação realizada numa FND.

Independentemente da tipologia da missão da FND, verificamos que o seu emprego é uma mais-valia para a força bem como para os Cmdts dos mais variados escalões, pois vai permitir uma gestão adequada de recursos, permitindo a possibilidade de os aplicar noutras situações.

Para muitos dos autores de artigos e de livros consultados sobre a cinotécnia militar, as vantagens superam em muito as desvantagens de utilizar o cão, num acompanhamento de uma FND. A opinião dos entrevistados juntamente com os dados obtidos através dos questionários vai ao encontro com o que foi abordado na revisão de literatura. Contudo é importante referir que apesar de algumas limitações que os cães apresentam, como por exemplo, a adaptabilidade as condições atmosféricas adversas, em que a resposta do cão vai estar directamente relacionada com o seu treino.

Como podemos verificar ao longo do trabalho, a presença de um binómio garante maior segurança à força no terreno, já que capacidades naturais dos cães, permitem uma maior eficácia na segurança e no controlo, por exemplo, vai permitir uma redução de tempo em cada revista que se efectua num Check – Point.

6.4 LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

A maior limitação que se verificou-se no decorrer da investigação desta temática, foi a falta de preparação para a realização de trabalhos deste tipo, em que um futuro Oficial dos Quadros Permanentes do Exército, ao longo da sua formação deveria ter uma preparação mais específica na área da investigação, desde da sua entrada na Academia Militar. Mas também é de salientar os prazos que são impostos para a realização do trabalho, quer para a escolha do tema, quer para a pesquisa bibliográfica, bem como para a realização do mesmo. Outra grande limitação foi a baixa adesão ao questionário, isto devido a indisponibilidade de grande parte dos Oficiais por várias razões: ou porque se encontravam em férias ou já tinham abandonado a Instituição Militar, mas também se deve aos prazos

como já foi referidos, que veio também contribuir que não fosse feitos mais questionários bem como algumas experiências que seriam interessantes e que iriam de certo enriquecer a investigação desta temática da cinotécnica que não se encontra terminada.

6.5 RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Para futuras investigações desta temática da cinotécnica militar, o autor deixa algumas recomendações que possam decerto contribuir para a divulgação do desempenho operacional destas unidades cinotécnicas e a sua importância numa FND.

- ✓ Elaboração de um estudo exaustivo onde se demonstra os custos da inclusão de binómios numa FND, com certos equipamentos tecnológicos, por exemplo na detecção de minas e explosivos.
- ✓ Efectuar um estudo, acompanhado para tal uma equipa cinotécnica num aprontamento de uma FND, demonstrando a sua importância, bem como as vantagens e desvantagens destes meios a operar no terreno.
- ✓ Estudo sobre as equipas cinotécnicas que já participaram numa FND, como foi o caso da FAP, e transportar o conhecimento e experiência para o nosso Exército.

BIBLIOGRAFIA

Livros, Manuais

- ✓ António, F. G. (1983). *Seleccção, Instrução e Treino das Equipas Cinófilas da Força Aérea*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Da Força Aérea.
- ✓ Campenhoudt, R. Q. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais* (5º Edição ed.). (G. Valente, Ed., & M. A. João Minhoto Marques, Trad.) Paris: Gradiva.
- ✓ Campos, C. (1981). *O cão Militar*. Évora: Guarda-fiscal Batalhão Nº2
- ✓ Gonçalves, J. B. (1996). *Emprego Operacional das Equipas Cinotécnicas na Segurança da Força Aérea*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos da Força Aérea
- ✓ Headquarters, D. o. (2005). *FM 3-19.17 Military Working Dogs*. Washington ,DC.
- ✓ NATO. (2002). *APP-12 NATO MILITARY POLICE DOCTRINE AND PROCEDURES*. Bruxelas: NATO.
- ✓ Regulamento de Campanha e Operações. (2005). Lisboa: Exército.
- ✓ Reis, F. L. (2010). *Como Elaborar um Dissertação de Mestrado segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- ✓ Rodrigues, A. (1987). *História das Tropas Pára-quedistas Portuguesas* (Vol. I). Lisboa: Fotolito e Artes Gráficas.
- ✓ Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertação de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Luisiada Editora.
- ✓ R. Q. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais* (5º Edição ed.). (G. Valente, Ed., & M. A. João Minhoto Marques, Trad.) Paris: Gradiva.

Publicações Periódicas

- ✓ Brites, P. J. (1 de Março de 2009). *Cinotécnia Militar Actualidade e Futuro*. *Jornal do Exército* , pp. 19-24.
- ✓ Lima, &. B. (13 de 1 de 2010). *Competências Cinotécnicas das tropas Pára-quedistas*. *Boina Verde* , pp. 22-29.

- ✓ Lima, F. d. (1 de ABR/AGO de 2002). Cães de Guerra "A cinotécnica nas tropas pára-quedistas". *Boina Verde* , 202, pp. 22-24.
- ✓ Lima, H. (1 de Setembro de 2010). Cães de Busca e Salvamento. *Boina Verde* , pp. 5-8.
- ✓ Simões, D. (2010). Lançamento cinotécnico 1º missão c-295. *Boina Verde* , 229, pp. 229,14-18.

. Documentos e Páginas Online

- ✓ Anónimo. (15 de 2 de 2010). *Army*. Obtido em 11 de 4 de 2011, de [army.mod.uk](http://www.army.mod.uk):
<http://www.army.mod.uk/army-medical-services/ravc/19987.aspx>
- ✓ Esteves, N. (19 de Novembro de 2010). *regimento lanceiros 2 a secção K9*. Obtido em 3 de Junho de 2011, de [regimentolanceiros2](http://regimentolanceiros2.forumeiros.com/):
<http://regimentolanceiros2.forumeiros.com/>
- ✓ Foundation, M. W. (3 de Fevereiro de 2002). *Military Working Dog*. Obtido em 3 de Março de 2011, de [Military Working Dog](http://www.militaryworkingdogs.com/about.shtml):
<http://www.militaryworkingdogs.com/about.shtml>
- ✓ Frelimo, T. (14 de Março de 2000). *Boinas verdes*. Obtido em 2 de Abril de 2011, de [boinasverdes-asasaopeito](http://www.boinasverdes-asasaopeito.com): <http://www.boinasverdes-asasaopeito.com>
- ✓ Gilbert, B. (12 de 8 de 2010). *The world k-9 in Afghanistan*. Obtido em 11 de 4 de 2011, de The world: <http://www.theworld.org/2010/12/k9-afghanistan-taliban-dogs/>
- ✓ Peace, P. F. (7 de 7 de 2007). *pupsforpeace*. Obtido em 11 de 4 de 2011, de [pupsforpeace.org](http://www.pupsforpeace.org):
http://www.pupsforpeace.org/main/pdf/6.7.2007_kids_earn_israel_a_bomb.pdf
- ✓ Ronaeillo. (2 de Janeiro de 2000). *United States War Dogs Association, Inc*. Obtido em 10 de Março de 2011, de [uswardogs.org](http://www.uswardogs.org): <http://www.uswardogs.org/>
- ✓ Taylor, R. N. (8 de Novembro de 2010). *Military-SAS parachute dogs of war into Taliban bases*. Obtido em 1 de Março de 2011, de [guardian.co.uk](http://www.guardian.co.uk):
<http://www.guardian.co.uk/uk/2010/nov/08/sas-dogs-parachute-taliban-afghanistan>
- ✓ Viv. (3 de 11 de 2009). *shoreshim*. Obtido em 10 de 4 de 2011, de [shoreshim.co.uk](http://www.shoreshim.co.uk):
<http://www.shoreshim.co.uk/galilee-correspondent/oketz-israels-k9-dog-unit>

Entrevistas

- ✓ Bragança, A. (4 de Março de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)
- ✓ Correia, F. (10 de Junho de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)
- ✓ Dias, V. (23 de Maio de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)
- ✓ Lima, H. (1 de Março de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)
- ✓ Mesquita, J. (22 de Abril de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)
- ✓ Pinto, M. (29 de Abril de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnica do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)
- ✓ Prentisco, B. (1 de Abril de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)
- ✓ Teixeira, A. (25 de Março de 2011). O Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND. (M. Cabral, Entrevistador)

APÊNDICE

APÊNDICE - A

A.1 OBJECTIVOS DA ENTREVISTA

- Verificar as actuais capacidades operacionais das equipas cinotécnicas do Exército.
- Conhecer o quadro orgânico destas equipas.
- Apurar quais os tipos de operações onde se enquadram as equipas cinotécnicas numa FND.
- Verificar a existência de doutrina no seu emprego.
- Verificar a existência de participação de exercícios ou missões no exterior.
- Verificar quais as vantagens do seu uso.
- Averiguar quais as desvantagens numa eventual integração numa FND.
- Apurar o efectivo existente nestas equipas.
- Verificar se existe efectivo necessário para participar numa FND.

A.2 ENTREVISTADOS

De acordo com os objectivos gerais pretendeu-se efectuar uma entrevista do tipo semi-estruturada com um único objectivo, recolher uma grande panóplia de dados sobre esta temática, que permitisse perceber se o empenhamento das actuais unidades cinotécnicas do nosso Exército, numa eventual integração numa FND é valido.

Para tal foi escolhido quatro Sargentos especialistas da Cinotécnia do nosso Exército, dois da EPT e dois do RL2, um Oficial da FAP, um Sargento da Armada Portuguesa, um Oficial GNR e finalmente ao Cmdt do CID.

Entrevistado 1: 1ºSargento Hugo Lima

Entrevistado 2: 1ºSargento Alexandre Bragança

Entrevistado 3: Sargento – Chefe Armando Teixeira

Entrevistado 4: 1º Sargento Bruno Prentisco

Entrevistado 5: Capitão João Mesquita

Entrevistado 6: Major Marco Pinto

Entrevistado 7: 1ºSargento Victor Dias

Entrevistado 8: Tenente General Francisco Correia

A.3 GUIÃO DA ENTREVISTA

Academia Militar

Direcção de Ensino

Curso de Infantaria

Trabalho de Investigação Aplicada



Entrevistas Aplicadas

Autor: Aspirante Aluno de Infantaria Michael Cabral

Orientador: Tenente-coronel de Infantaria José Rouco

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Esta entrevista surge no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, em que o tema é “O emprego das equipas cinotécnicas do Exército numa FND”, onde se pretende verificar as formas de empenhamento conjunto destas equipas cinotécnicas nas actuais missões onde Portugal participa.

No que se refere ao trabalho de campo, pretende-se realizar entrevistas semi-estruturadas a pessoas com basta experiência e conhecimento na área da cinotecnia.

Desta forma, venho por este meio solicitar a V. Ex^a que nos conceda esta entrevista, para um único propósito, a recolha de informação necessária, com objectivo de dar resposta à pergunta central da investigação e para a valorização do trabalho de investigação.

Gratos pela sua colaboração

Atenciosamente

Michael Rodrigues Cabral

Asp. INF

Caracterização dos entrevistados

Nome:

Posto:

Unidade de colocação:

Tempo de serviço:

Tempo nas equipas cinotécnicas:

- 1) Qual o efectivo existente na equipa cinotécnica?
- 2) Quais as actuais capacidades operacionais da equipa cinotécnica?
- 3) Qual é o quadro orgânico?
- 4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?
- 5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?
- 6) Já participou em algum exercício com a equipa cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?
- 7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?
- 8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND?
- 9) Considera como é caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia, qual é efectivo necessária a empenhar pela Cinotécnica para acompanhar esta companhia?

APÊNDICE – B

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº1

Entrevistado 1

Nome: Hugo Pedro Gomes Ferreira de Lima

Posto: 1SAR INF PÁRA

Unidade de colocação: RI 15 (Rotação)

Tempo de serviço: 18 anos (Desde 08Fev93)

Tempo de serviço em Unidades Cinotécnicas: 3 anos na FAP e 10 anos nos Pára-
quedistas

1) Qual o efectivo existente na Unidade Cinotécnica a que pertence?

R. Actualmente não me encontro a prestar serviço numa UnCino por me encontrar a efectuar uma rotação no RI15 desde Set10. No entanto posso adiantar-lhe que o efectivo actual da SecCaesGuerra da ETP é de 02 Sargentos, 02 Cabos e 07 Soldados

2) Quais as actuais capacidades operacionais da Unidade Cinotécnica da Escola de Tropas Pára-quedistas?

R. Actualmente as capacidades operacionais da SecCaesGuerra da ETP são fundamentalmente no âmbito da segurança de instalações e/ou de pessoal (quando determinado superiormente), segurança a Bases de Patrulha Próximas e Afastadas, bem como no âmbito da Pistagem e do Esclarecimento (Quando em progressão, detectar minas, armadilhas e emboscadas).

Podem ser também empregues no âmbito da divulgação da imagem e recrutamento do Exército.

3) Qual é o quadro orgânico?

R. 02 Sar, 04Cab, 08 Sold, mas o ideal deverá ser: 03 Sar, 06 Cab, 12 Sold, tendo em vista a capacidade de se desdobrar em 3 destacamentos cinotécnicos (DestCino) constituídos por 01Sar, 02Cab e 04Sold cada (e estes por 2 sub destacamentos de 01Cab e 02 Sold).

4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

R. Segurança a pessoal e a instalações (Segurança Interna) dos quartelamentos, Segurança a pessoal e a instalações (Defesa Local) de Tactical HQ, acompanhando as FND em Patrulhas de Segurança em Patrulhas de Reconhecimento, em Vehicle Check Points (VCP) e aqui com as diferentes valências a complementarem-se (num VCP podemos ter binómio de patrulha e segurança a vigiar a zona, e binómios detectores de explosivos e de substâncias estupefacientes a efectuarem as revistas às viaturas). Podem também ser utilizados binómios de patrulha e segurança em CRC (Crowd Riot Control – Manutenção da Ordem Pública), bem como na busca e revista em áreas urbanas.

Os binómios detectores de explosivos podem ainda ser empenhados onde é superiormente determinado.

5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?

R. Existe. Em Portugal cada força tem a sua (GNR, PSP, Guarda Prisional, Fuzileiros, Polícia Aérea, Polícia do Exército e Pára-quedistas) adequada à sua Missão específica. Mas para além destas NEPs existe alguma legislação nomeadamente a directiva nº25/VCEME/2000, a lei de de bases da protecção civil, e o APP-12 (Nato military police doctrine and procedures)

6) Já participou em algum exercício com a Unidade Cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?

R. Sim, já. No âmbito de demonstrações de competências e da divulgação da imagem e recrutamento do Exército Português, assim como participamos anualmente nos exercícios Apolo. Ocasionalmente nos exercícios de formação e de manutenção da Companhia de Precursores Aeroterrestres.

Saltamos com os nossos cães e participamos também numa preparação para uma FND em 2005/2006 (Kosovo) mas à última da hora foi decidido não levar os cães.

Operacionalmente participamos também no âmbito da segurança ao JC Lisbon (Oeiras) por ocasião da cimeira da NATO onde o desempenho dos nossos binómios foi altamente

elogiado pois detectaram em boa hora todas as tentativas de intrusão programadas em exercícios de prontidão. Podemos dizer que o JCLisbon ficou fã da Cinotécnia.

7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

R. Na minha opinião as vantagens são imensas. Eis as mais fundamentais:

1. Substituição proficiente de 3 a 8 sentinelas de guarda a um posto fixo.
2. Versatilidade de emprego em diferentes cenários, tais como: Vehicle Check Points, Patrulhas, Segurança de pessoal e instalações, Manutenção de ordem pública, etc.
3. Conforto psicológico das NT pela presença de um cão treinado para vigiar, detectar e morder eventuais ameaças.
4. Conforto psicológico das NT pela presença de um cão treinado para detetar explosivos.
5. Prestígio e possibilidade de empenhamento com outras Un amigas que não possuam a vertente cinotécnica naquele TO.

8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND

1. Limitações no emprego em ambientes de muito vento, de calor ou de neve, ao nível do tempo consecutivo de empenhamento de cada binómio Cino.
2. Necessidade de prever a logística necessária para o TO (Veterinária, Alimentação, Canis, Viaturas para transporte de canídeos, material para treino de manutenção)
3. Local com as características e espaço necessário, bem como afastado de concentração do grosso das NT para garantir o necessário descanso dos animais.

Como referido anteriormente, as implicações prender-se-iam fundamentalmente com as Regras de Empenhamento dos binómios, bem como da relação hierárquica a estabelecer. No meu ponto de vista, uma SecCino integrada num Bat deveria depender diretamente do CmdtBat e não de uma Companhia, pois a SecCino possui características específicas que devem ser corretamente avalizadas e aproveitadas a um nível superior ao de Companhia. (Por exemplo ser reforço de várias companhias em diferentes alturas)

Seria também necessário prever a adequada assistência veterinária (vacinas, desparasitações, assistência em caso de eventual lesão de um cão, etc) para além de se providenciar viaturas para o transporte dos cães nas condições adequadas (caixa com ar condicionado e com transportadoras), a alimentação e a água dos cães no tempo previsto para a Missão, uma instalação tipo canil com as condições de higiene e de isolamento que garantissem a salubridade dos canídeos e a aquisição do material para o treino e manutenção dos cães.

9. Considere que no caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia. Qual seria o efetivo Cinotécnico necessário para acompanhar esta companhia?

R. Dependeria das Missões que o escalão superior pretendesse efetuar.

Assim, a nível de binómios detetores, o mínimo para cada Missão são sempre 02, porque 01 “marca” o odor (seja estupefaciente ou explosivo) e o outro confirma. (o denominado binómio de confirmação). É necessário ter em conta as diferentes variáveis que condicionam a duração do trabalho de um cão detetor, entre elas a humidade, o vento, a temperatura, o ambiente envolvente, etc., daí que 06 binómios detetores seriam o mínimo para garantir uma Missão continuada em que 02 trabalham e 04 descansam ou em que 02 binómios acompanham cada um dos pelotões, alternando ou sendo empenhados em situações específicas.

Para os binómios de Patrulha e Segurança deve ser tido em consideração o que foi acima descrito, bem como o fato de existindo patrulhamento constante da unidade onde estamos aquartelados, este ficar garantido e com a escala salvaguardada a nível de empenhamento e de descanso do pessoal e dos cães, daí que eu diria um mínimo de 06 e um ideal de 10

APÊNDICE – C

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº2

Entrevistado 2

Nome: Alexandre Manuel Espanhol Bragança

Posto: 1Sar/Inf/Para

Unidade de colocação: Escola de Tropas Pára-quedistas

Tempo de serviço: 11 anos

Tempo de serviço em Unidades Cinotécnicas: 5 anos

1) Qual o efectivo existente na Unidade Cinotécnica a que pertence?

O efectivo existente é constituído por dois Sargentos, dois Cabos e seis Soldados. O que perfaz 10 militares.

2) Quais as actuais capacidades operacionais da Unidade Cinotécnica da Escola de Tropas Pára-quedistas?

As actuais capacidades da Secção de Cães de Guerra, são a Segurança de instalações e acessos reservados, segurança a Bases de Patrulha Próximas e Afastadas, bem como no âmbito da Pistagem e do Esclarecimento e na divulgação da imagem e recrutamento do Exército.

3) Qual é o quadro orgânico?

O efectivo orgânico aprovado é constituído por dois Sargentos, quatro Cabos e oito Soldados. O que perfaz 14 militares

4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

- Segurança (Forças militares em Patrulhas) ou (Acartelamento)
- Busca/ Detecção de engenhos ou cargas explosivas e munições – Checkpoints
- Busca/ Detecção e detenção de indivíduos;
- Reconhecimento de áreas de elevado risco

5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?

A directiva nº25/VCEME/2000, a lei de bases da protecção civil, e o APP-12 (Nato military police doctrine and procedures) e NEPs de cada unidade cinotécnica.

6) Já participou em algum exercício com a Unidade Cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?

Sim, participei no Exercício “Apolo 06”.

Neste exercício, a missão atribuída à SecCaesGuerra consistia em efectuar segurança do perímetro e das instalações do Quartel-general e efectuar demonstrações cinotécnicas na cidade de Beja. (localidade onde decorreu o Exercício Apolo 06)

7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

Vantagens:

- Custos reduzidos, com contrapartidas financeiras elevadas;
- Maior eficácia na detecção da ameaça em Checkpoints, manifestações, operações de busca e recolha de armamento e munições;
- Elemento essencialmente dissuasor de alegadas tropas In, mas também produz um efeito moralizador nas nossas tropas;
- Em áreas reservadas para segurança de instalações, um binómio cinotécnico consegue garantir um estado de alerta mais eficaz que uma secção composta por oito homens;

8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND?

Na minha opinião, integrar uma força cinotécnica numa Companhia operacional, implicava ter um veterinário devidamente guarnecido de fármacos e equipamento, um comandante da força cinotécnica, para auxílio dos comandantes de Companhia e Pelotão, (emprego do cão, possibilidades e limitações deste)

O mais dispendioso seria a criação de infraestruturas de alojamento, transporte e treino das equipas cinotécnicas.

Para além disso temos tomar em conta também as seguintes:

- Limitação às condições climáticas (O cão tem maior resistência ao frio do que ao calor);
- Quebra do efeito surpresa em operações sigilosas;
- O sucesso do cão depende directamente do estado de espírito e da atitude do seu Tratador.

9) Considere que no caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia. Qual seria o efectivo Cinotécnico necessário para acompanhar esta companhia?

Na minha opinião, o efectivo de binómios cinotécnicos necessário para guarnecer uma Companhia são no mínimo dois binómios por pelotão. Mas a situação ideal seria que cada homem desse binómio tivesse um segundo cão para trabalhar. Assim, cada homem tinha um cão de reserva, para que não se perdesse a capacidade de resposta por parte da Secção Cinotécnica, e ainda no caso de se trabalhar com cães de busca e detecção, os cães executam uma marcação do objecto ou odor que procuram de forma passiva ou activa, (consoante a natureza da missão) e sempre que o fizerem, é sempre necessário uma outra confirmação. É aí que entra o segundo cão. Por isso diria que o ideal seria 6.

APÊNDICE – D

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº3

Entrevistado 3

Nome: Armando José Baptista Teixeira

Posto: Sargento-chefe

Unidade de colocação:

Tempo de serviço: 27 anos

Tempo de serviço em Unidades Cinotécnicas: 04 anos

1) Qual o efectivo existente na Unidade Cinotécnica a que pertence?

- A equipa tem o nº mínimo de dois cães.
- A secção Cinotécnica aprovada em QO é de 06 binómios.
- O RL2 tem no seu QO duas secções Cinotécnicas.

2) Quais as actuais capacidades operacionais da Unidade Cinotécnica da Escola de Tropas Pára-quedistas?

As capacidades operacionais do RL2, são:

- Patrulha e segurança
- Detecção de explosivos
- Detecção de drogas

3) Qual é o quadro orgânico?

O QO aprovado para o RL2 é de duas secções a seis binómios.

Por secção:

- 2 Binómios de patrulha e segurança
- 2 Binómios de detecção de drogas
- 2 Binómios de detecção de explosivos

4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

- Patrulha de itinerários;
- Busca de explosivos e drogas (chek points);
- Patrulhamento de aglomerados populacionais;
- Dispersão de motins, e contenção de multidões tirando o partido do efeito psicológico criado pela agressividade do canídeo;
- Segurança a campos de prisioneiros de guerra;
- E outras de interesse publico.

5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?

A doutrina que existe é:

- “allied procedural publication -12 nato military police doctrine and procedures” (app-12)
- “Programa para a Prevenção de Droga nas Forças Armadas”
- Directiva N.º 25/VCEME/00.
- Artº 46 da Lei 27/2006

6) Já participou em algum exercício com a Unidade Cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?

Já em missões Operacionais:

- Detecção de drogas;
- Detecção de Explosivos na Cimeira da Nato em conjunto com a FAP.

Em exercícios:

- Orion
- Rosa Brava

7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

Mas as vantagens na minha opinião são: substituição de sentinelas pelos cães o que confere um aumento de segurança nas unidades por exemplo detecção de explosivos, melhor controlo na detecção de drogas, aumento de segurança em pontos sensíveis

(checkpoints), grande eficácia na manutenção pública, através da dissuasão psicológica que o cão confere.

8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND?

Posso salientar algumas implicações que na minha opinião são importantes: a se deve construir um canil num local apropriado com as devidas condições sanitárias, existência de viaturas de transporte de canídeos apropriadas para esse efeito, prever a sua alimentação e cuidados veterinários permanentes e um local para treino.

9) Considere que no caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia. Qual seria o efectivo Cinotécnico necessário para acompanhar esta companhia?

O efectivo cinotécnico seria de uma secção a seis binómios no mínimo.

Dois de Patrulha e segurança

Dois de detecção de drogas

Dois de detecção de explosivos, que fariam também patrulha e segurança.

APÊNDICE – E

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº4

Entrevistado 4

Nome: Bruno Manuel Dias Pentrisco

Posto: 1SAR CAV

Unidade de colocação: RL2

Tempo de serviço: 10 anos

Tempo nas equipas cinotécnicas: 3 anos

1) Qual o efectivo existente na equipa cinotécnica?

Neste momento a secção cinotécnica do Regimento de Lanceiros nº2 têm 13 Binómios. Sendo uma equipa cinotécnica constituída por mínimo de dois binómios, a secção aprovada no Quadro orgânico é constituída por seis binómios, e no quadro orgânico existente no RL2 tem duas secções cinotécnicas.

2) Quais as actuais capacidades operacionais da equipa cinotécnica?

Actualmente as secções cinotécnicas têm as seguintes capacidades operacionais: Busca de Droga e de Explosivos, de Guarda/segurança – Patrulha.

3) Qual é o quadro orgânico?

4 Sar e 10 Praças

2 Binómios de patrulhas e segurança

2 Binómios de detecção de drogas e 2 binómios detecção de explosivos

4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

Qualquer um dos anteriormente mencionados.

Por exemplo: busca e detecção de drogas e explosivos, Dispersão de motins, segurança de prisioneiros, e missões de interesse público.

5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?

Sim. O APP-12 (Allied Procedual Publication 12- NATO- Military Police Doctrine and Procedures; A directiva N°25/VCEME/00, o Programa de droga nas Forças Armadas e o Artº da lei 27/2006 da Lei de Bases da Protecção Civil.

6) Já participou em algum exercício com a equipa cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?

Sim.

Detecção e Busca de drogas, e na Cimeira da Nato na detecção de explosivos em conjunto com a Força aérea. Em exercícios no Orion e na Rosa Brava.

7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

As vantagens são inúmeras, desde a um menor número de meios humanos empenhados na segurança, melhor controlo de substâncias ilícitas, aumenta da segurança devido ao controlo mais eficaz nas entradas dos aquartelamentos (ex: Explosivos), etc.

8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND

Na minha opinião as implicações de meios cinotécnicos numa FND são: construção de canil e local de treino, prevenir a logística (alimentação, veterinário), transporte adequado, o clima que poderá influencia o emprego do binómio, questões de nível cultural (sociedade muçulmana considera o cão impuro).

9) Considera como é caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia, qual é efectivo necessária a empenhar pela Cinotécnica para acompanhar esta companhia?

Na minha opinião diria que o ideal seria uma secção a 8 binómios.

APÊNDICE – F

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº5

Entrevistado 5

Nome: João Alexandre da Costa Mesquita

Posto: Capitão

Unidade de colocação: Aeródromo de Manobra N.º 1 - Centro de Treino Cinotécnico da Força Aérea

Tempo de serviço: 14 anos

Tempo nas equipas cinotécnicas: Colocado no CTCFA desde 2005

1) Qual o efectivo existente na equipa cinotécnica?

A Polícia Aérea tem no seu efectivo cerca de 150 Equipas cinotécnicas de Guarda, 7 equipas de detecção de estupefacientes e 6 equipas de detecção de explosivos, todas elas distribuídas pelas Unidades da Força Aérea.

2) Quais as actuais capacidades operacionais da equipa cinotécnica?

As capacidades operacionais da Unidade cinotécnica da Força Aérea são precisamente a Guarda e Detecção de Estupefacientes e Explosivos.

3) Qual é o quadro orgânico?

O quadro orgânico do CTCFA é de 1 CAP, 1 OF-SUB (Veterinário), 1 SCH, 3 SAJ/1SAR e 25 Praças.

4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

Na actualidade as equipas cinotécnicas da Força Aérea têm capacidade de actuação numa FND como equipas de detecção de explosivos

5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?

Sim, existem as NEP's (Normas de Execução Permanente) de emprego operacional do Comando Aéreo e o APP – 12.

6) Já participou em algum exercício com a equipa cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?

Sim, uma equipa de detecção de explosivos no Aeroporto de Cabul – Destacamento KAIA.

7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

A vantagem da participação da Unidade cinotécnica numa missão permitem ao Comandante de destacamento efectivar uma maior disciplina dos meios, utilizando as características específicas das equipas cinotécnicas, de acordo com as missões a executar.

8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND?

Como implicações o eventual desgaste prematuro dos canídeos, pelas diferenças de clima, alimentação e emprego, construção de canis, viaturas de transporte de canídeos.

9) Considera como é caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia, qual é efectivo necessária a empenhar pela Cinotécnica para acompanhar esta companhia?

O número de efectivos necessários para acompanhar uma companhia seria no mínimo de 8 binómios, para permitir a rotação desses meios.

APÊNDICE – G

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº6

Entrevistado 6

Nome: Marco André Costa Pinto

Posto: Major

Unidade de colocação: Grupo de Intervenção Cinotécnico e Centro de Formação Cinotécnico

Tempo de serviço:

Tempo nas equipas cinotécnicas: 5 anos

1) Qual o efectivo existente na equipa cinotécnica?

Uma Subunidade de escalão batalhão (Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC)), com 2 Companhias (Detecção e Intervenção) e com 1 Centro de Formação Cinotécnico; 20 Secções Cinotécnicas espalhadas pelos 20 Comandos Territoriais da GNR.

2) Quais as actuais capacidades operacionais da equipa cinotécnica?

Patrulhamento de proximidade/preventivo; Controlo de distúrbios civis; Neutralização de indivíduos ligados a actividades classificadas como “criminalidade violenta e organizada”; Manutenção da Ordem (intervenções de 3.º nível e com forças combinadas, apenas estão, por missão, atribuídas ao GIC);
Detecção de: Estupefacientes; Armas e Explosivos; Papel-Moeda; Policarbonato; Odor Humano (Seguimento de rastro; Busca e Salvamento; Detecção de suspeitos; Cadáveres); Vestígios biológicos; Agentes incendiários (acelerantes).

3) Qual é o quadro orgânico?

O GIC tem 138 binómios; Cada Secção Cinotécnica dos Comandos Territoriais tem 17 binómios.

4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

Resposta na 2 pergunta.

5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?

Sim. Doutrina, legislação e jurisprudência.

6) Já participou em algum exercício com a equipa cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?

Sim, várias. A primeira em 1958, na área da formação e cooperação policial.

O GIC teve binómios em todas as missões da protecção civil, na sequência de grandes catástrofes naturais: Turquia 99; Irão 03; Argélia; Marrocos; etc.

Desde 2007 que tem binómios destacados, entre Fevereiro e Setembro, para países com fronteiras periféricas da União Europeia. Destaca 2 tipos de binómios, para 2 missões distintas: Patrulhamento e detecção de imigrantes ilegais (dissimulados em viaturas, contentores, etc.

Entre Abril e Maio de 2011, uma força do GIC esteve em serviço para a União Europeia/FRONTEX, da vertente de Detecção de Odores Humanos. Entre Fevereiro e Setembro de 2011 os nossos Binómios representam Portugal em missões de segurança das fronteiras externas da União Europeia, com polícias de outros Estados Membros.

7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

São várias e variam em função da missão e da vertente utilizada, mas genericamente, o uso de meios cinotécnicos permite: A economia de meios humanos; Tem custos de manutenção muito baixos; São muito eficazes, quando o seu emprego é adequado; Adaptam-se facilmente a qualquer terreno e/ou clima; Não são afectados por gás lacrimogénio; Ainda não há meios tecnológicos que substituam o uso do cão; Tem um efeito psicológico dissuasor sobre o adversário, que é explorado muito frequentemente. Este efeito potencia o que é criado, também, pela demonstração de força.

8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND?

Para além das vantagens já mencionadas, estes meios precisam dum apoio logístico próprio, se quisermos que estejam sempre aptos a desempenhar as suas tarefas específicas: Viaturas adaptadas e climatizadas (para TO com climas adversos – mta humidade e temperaturas elevadas); Para projecção da força superior a 5 dias, devem ser colocados canis amovíveis, com pontos de água e sombras; Os cães necessitam de água com abundância.

9) Considera como é caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia, qual é efectivo necessária a empenhar pela Cinotécnica para acompanhar esta companhia?

O número de efectivos de binómios necessários para acompanhar uma companhia deveria situa-se entre 8 a 10 binómios, para permitir o treinar e a rotação entre os animais de serviço.

APÊNDICE – H

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº7

Entrevistado 7

Nome: Victor Dias

Posto: 1Sargento Fuzileiro

Unidade de colocação: Escola de Fuzileiros

Tempo de serviço: 25 anos

Tempo nas equipas cinotécnicas: 14 anos

1) Qual o efectivo existente na equipa cinotécnica?

01 Sargento e 06 Praças. Cada elemento tem 02 cães

2) Quais as actuais capacidades operacionais da equipa cinotécnica?

03 Binómios de busca e detecção de engenhos explosivos improvisados;

04 Binómios de detecção de droga

Todos os elementos têm um 2º cão com menos cerca de 4 anos

3) Qual é o quadro orgânico?

01 Sargento, 06 Praças

4) Na sua opinião quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

Na detecção de explosivos/armas e sem duvida na patrulha, principalmente nas áreas edificadas.

5) Existe doutrina e legislação para o seu emprego?

Para além das NEPs, existem o APP – 12, A lei de Bases da Protecção Civil no Artº46 da Lei 27/2006.

6) Já participou em algum exercício com a equipa cinotécnica em missões no interior ou no exterior do País?

Não.

7) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

A curto prazo teremos algumas dificuldades, a longo prazo só há vantagens. Apesar disto existe mais vantagens do que desvantagens como algumas vantagens: economia de meios e pessoal, aumento de segurança (ex: patrulhas, deteção de explosivos e dogas), manutenção económica, efeito psicológico

8) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND?

Como implicações na minha opinião seriam, garantir alimentação e cuidados veterinários, o eventual desgaste dos canídeos, pelas diferenças de clima, como o excesso de calor e humidade que poderia implicar com o modo de emprego destes meios, construção de canis e viaturas de transporte de canídeos.

9) Considera como é caso do TO do Afeganistão é empenhada uma companhia, qual é efectivo necessária a empenhar pela Cinotécnica para acompanhar esta companhia?

Entre 8 a 10 binómios, para permitir o descanso de pessoal e dos animais e treinos.

APÊNDICE – I

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº8

Caracterização dos entrevistados

Nome: Francisco Correria

Posto: Tenente General

Unidade de colocação: Comando Instrução e Doutrina

Tempo de serviço:

1) Apesar das competências operacionais de cada unidade cinotécnica existente no nosso Exército, como: busca e detecção de armas e explosivos, guarda e segurança nas patrulhas. Nunca houve um aproveitamento ao nível destas unidades acompanhar uma FND. Na sua opinião qual é o motivo?

Na minha opinião nunca houve um aproveitamento destas unidades cinotécnicas num eventual acompanhamento numa FND, porque nunca houve necessidade do seu emprego nas missões em Portugal tenha participado.

2) Existe doutrina no modo de emprego operacional destas unidades cinotécnicas, no cumprimento de tarefas militares numa FND?

A doutrina do seu modo de emprego operacional destas unidades cinotécnicas, no cumprimento de missões numa FND, é baseada em muito na doutrina dos Países nossos aliados, nomeadamente no FM 3-19.17 Military Working Dogs.

3) Devido ao uso de animais, como é o caso de emprego de cães, está previsto no enquadramento legal a nível nacional e internacional?

No que refere-se ao enquadramento legal a nível nacional, a existência de cães militares, existe e está contemplada na legislação Portuguesa, no artigo 14º - Classificação de Cães, da secção IV, na alínea C, assim como na directiva n.º 25/2000 do VCEME. Relativamente a legislação internacional, a única que posso salientar é o APP 12.

4) Na sua opinião pensa que o emprego cinotécnico numa eventual integração numa FND será uma mais-valia?

Sim, a minha opinião será uma mais-valia deste que a missão de uma FND, tenha mesmo necessidade em empregar uma unidade cinotécnica para cumprir algumas missões, como por exemplo na busca e detecção de armas e explosivos, Check-points, neste tipo de missões ai podemos que a utilização dos binómios terá um papel extremamente importante no auxílio do cumprimento destas missões.

5) Actualmente a formação ao nível do emprego cinotécnico nas FND está adequada ao tipo de missões daqueles TO?

Sim, hoje em dia cada unidade cinotécnica existente no nosso Exército, nomeadamente no RL2 e na ETP, têm vindo a desenvolver valências ao nível operacional de acordo com as necessidades de uma FND, bem como para as Missões de Interesse Público.

APÊNDICE – J

LEVANTAMENTO DE CATEGORIAS

1) Quais são os tipos de operações onde se enquadram a equipa cinotécnica numa FND?

Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Categorias
<p>. Busca e detecção de drogas e explosivos (C1)</p> <p>.Dispersão de motins (C3)</p> <p>. Segurança de prisioneiros (C2)</p>	<p>- Patrulha de itinerários C5</p> <p>-Busca de explosivos e drogas (chek points) C1</p> <p>-Patrulhamento de aglomerados populacionais C6</p> <p>-Dispersão de motins, e contenção de multidões tirando o partido do efeito psicológico criado pela agressividade do canídeo C3</p> <p>-Segurança a campos de prisioneiros de guerra C2</p>	<p>- Segurança a pessoal e a instalações (Segurança Interna) dos aquartelamentos (C7)</p> <p>- Patrulhas de Segurança em Patrulhas de Reconhecimento (C8)</p> <p>- Detectores de explosivos e de substâncias estupefacientes a efectuarem as revistas às viaturas (C1)</p> <p>-Manutenção da Ordem Pública (C3)</p> <p>- Bem como na busca e revista em áreas urbanas (C9)</p>	<p>C1–Busca e detecção de drogas/Explosivos e armamento (Check Points)</p> <p>C2 - Segurança de prisioneiros</p> <p>C3 – Manutenção da ordem Pública</p> <p>C4 – Busca e detecção de pessoas</p> <p>C5 - Patrulha de itinerários</p> <p>C6-Patrulhamento de aglomerados populacionais</p> <p>C7 - Segurança a pessoal e a instalações (Segurança Interna) nos aquartelamentos</p> <p>C8 - Patrulhas de Segurança em Patrulhas de Reconhecimento</p> <p>C9 - Busca e revista em áreas urbanas</p>
Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6	Entrevistado 7
<p>- Segurança (Forças militares em Patrulhas) ou (Aquartelamento) (C7) (C8)</p> <p>- Busca/ Detecção de engenhos ou cargas explosivas e munições – Checkpoints (C1)</p> <p>- Busca/ Detecção e detenção de indivíduos (C4)</p> <p>- Reconhecimento de áreas de elevado risco (C8)</p>	<p>-de detecção de explosivos (C1)</p>	<p>- Na detecção de explosivos/armas e sem duvida na patrulha, principalmente nas áreas edificadas (C1, C5, C9)</p>	<p>-Patrulhamento de proximidade/preventivo (C5)</p> <p>-Controlo de distúrbios civis (C3)</p> <p>-Neutralização de indivíduos ligados a actividades classificadas como “criminalidade violenta e organizada (C4)</p> <p>Manutenção da Ordem (C3)</p> <p>Detecção de: Estupefacientes; Armas e Explosivos; (C1)</p>

Pergunta 2

2) Na sua opinião quais as vantagens do seu uso numa FND?

Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Categorias
<p>- Menor número de meios humanos empenhados na segurança D1</p> <p>- Melhor controlo de substâncias ilícitas D2</p> <p>- Aumenta da segurança devido ao controlo mais eficaz nas entradas dos aquartelamentos (ex: Explosivos) D2</p>	<p>-Substituição de sentinelas pelos cães o que confere um aumento de segurança nas unidades por exemplo detecção de explosivos. D1,D2</p> <p>- Melhor controlo na detecção de drogas D2</p> <p>- Aumento de segurança em pontos sensíveis (checkpoints) D2</p> <p>-Grande eficácia na manutenção pública através da dissuasão psicológica que o cão confere D3</p>	<p>Substituição proficiente de 3 a 8 sentinelas de guarda a um posto fixo D1</p> <p>- Versatilidade de emprego em diferentes cenários, tais como: Vehicle Check Points, Patrulhas, Segurança de pessoal e instalações, Manutenção de ordem pública, etc. D4</p> <p>- Conforto psicológico das NT pela presença de um cão treinado para vigiar, detetar e morder eventuais ameaças. D5</p> <p>- Conforto psicológico das NT pela presença de um cão treinado para detetar explosivos D5</p>	<p>D1 – Economia de meios/pessoas</p> <p>D2 – Aumento da Segurança/Controlo (Ex: Detecção de Drogas, Explosivos e armas)</p> <p>D3 – Eficácia na manutenção Pública</p> <p>D4 – Versatilidade de emprego em diferentes cenários</p> <p>D5 – Conforto Psicológicos das NT</p> <p>D6 - Maior eficácia na detecção da ameaça, por exemplo: Checkpoints, manifestações, operações de busca e recolha de armamento e munições.</p> <p>D7–Manutenção económica</p> <p>D8 - Efeito psicológico dissuasor sobre o adversário</p>
Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6	Entrevistado 7
<p>- Custos reduzidos, com contrapartidas financeiras elevadas D7</p> <p>- Elemento essencialmente dissuasor de alegadas tropas In, mas também produz um efeito moralizador nas nossas tropas D5, D8</p>	<p>Permite ao Comandante de destacamento efectivar uma maior disciplina dos meios, utilizando as características específicas das equipas cinotécnicas, de acordo com as missões a executar D1</p>	<p>- A economia de meios humanos D1</p> <p>- Custos de manutenção muito baixos D1</p> <p>Adaptam-se facilmente a qualquer terreno e/ou clima D4</p> <p>- Tem um efeito psicológico dissuasor sobre o adversário D8</p>	<p>- Economia de meios e pessoal D1</p> <p>- Aumento de segurança (ex: patrulhas, detecção de explosivos e dogas) D2 -</p> <p>Manutenção económica D7</p> <p>- Efeito psicológico D5,D8</p>

Pergunta 3

3) Quais as desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND?

Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Categorias
<p>- Construção de canil e local de treino, prevenir a logística (alimentação, veterinário), transporte adequado E2</p> <p>- O clima que poderá influencia o emprego do binómio E3</p> <p>- Questões de nível cultural (sociedade muçulmana considera o cão impuro) E1</p>	<p>- Construir um canil num local apropriado com as devidas condições sanitárias, existência de viaturas de transporte de canídeos apropriadas para esse efeito, prever a sua alimentação e cuidados veterinários permanentes e um local para treino E2</p>	<p>4. Limitações no emprego em ambientes de muito vento, de calor ou de neve, ao nível do tempo consecutivo de empenhamento de cada binómio Cino. E3</p> <p>5. Necessidade de prever a logística necessária para o TO (Veterinária, Alimentação, Canis, Viaturas para transporte de canídeos, material para treino de manutenção) E2</p> <p>6. Local com as características e espaço necessário, bem como afastado de concentração do grosso das NT para garantir o necessário descansa dos animais E2</p>	<p>E1 - Questões de nível cultural (Ex: a sociedade muçulmana considera o cão um animal impuro)</p> <p>E2 -Prever a logística necessária para o TO (Veterinária, Alimentação, Canis, Viaturas para transporte de canídeos, material para treino de manutenção)</p> <p>E3 - Limitação às condições climatéricas</p> <p>E4 - Quebra do efeito surpresa</p>
Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6	Entrevistado 7
<p>- Implicava ter um veterinário devidamente guarnecido de fármacos e equipamento, criação de infraestruturas de alojamento, etc E2</p> <p>- Condições climatéricas E3</p> <p>- Quebra do efeito surpresa E4</p>	<p>- Desgaste prematuro dos canídeos, pelas diferenças de clima, alimentação e emprego E3</p> <p>- Construção de canis, viaturas de transporte de canídeos E2</p>	<p>- Garantir alimentação e cuidados veterinários, E2</p> <p>- O eventual desgaste dos canídeos, pelas diferenças de clima, como o excesso de calor e humidade que poderia implicar com o modo de emprego destes meios E3</p> <p>- Construção de canis e viaturas de transporte de canídeos E2</p>	<p>-Estes meios precisam dum apoio logístico próprio, se quisermos que estejam sempre aptos a desempenhar as suas tarefas específicas E2</p>

APÊNDICE – K

QUESTIONÁRIO

No âmbito dos Trabalhos de Investigação Aplicada na Academia Militar, este trabalho visa encontrar respostas sobre o “Emprego das Equipas Cinotécnicas do Exército Português numa FND”.

Os dados recolhidos são apenas destinados à realização deste trabalho, garantido - se o anonimato e a confidencialidade das respostas.

Agradeço muito as suas respostas, as mesmas irão contribuir para a realização do trabalho de investigação aplicada.

Mais uma vez obrigado pela sua ajuda. Asp – Al. INF Michael Cabral

Posto:

Função na FND:

Local da FND:

Na opinião de vários especialistas na área da cinotécnia das Forças Armadas Portuguesas foram levantadas várias categorias onde a equipa cinotécnica pode ser empregue numa FND e com vantagens.

De acordo com as suas experiências numa FND indique a sua concordância, colocando um “x” no respectivo espaço.

- 1) Uma equipa cinotécnica, numa FND, pode ser empregue nos seguintes tipos de operações:

Tipo de Operação	SIM	Não
Busca e detecção de drogas/Explosivos e armamento (Check Points)		
Segurança de prisioneiros		
Manutenção da ordem Pública		
Busca e detecção de pessoas		
Patrulha de itinerários		

Patrulhamento de aglomerados populacionais		
Segurança a pessoal e a instalações (Segurança Interna) nos quartelamentos		
Patrulhas de Segurança em Patrulhas de Reconhecimento		
Busca e revista em áreas urbanas		

Outras:

2) O uso de meios cinotécnicos numa FND trás as seguintes vantagens:

Vantagens	SIM	Não
Economia de meios/pessoas		
Aumento da Segurança/Controlo (Ex: Detecção de Drogas, Explosivos e armas)		
Eficácia na Manutenção da Ordem Pública		
Versatilidade de emprego em diferentes cenários		
Conforto Psicológicos das NT		
Maior eficácia na detecção da ameaça, por exemplo: Checkpoints, manifestações, operações de busca e recolha de armamento e munições.		
Manutenção económica		
Efeito psicológico dissuasor sobre o adversário		

Outras:

3) Desvantagens que poderá trazer a utilização de meios cinotécnicos numa eventual integração numa FND:

Implicações	SIM	Não
Questões de nível cultural (Ex: a sociedade muçulmana considera o cão um animal impuro)		
Prever a logística necessária para o TO (Veterinária, Alimentação, Canis, Viaturas para transporte de canídeos, material para treino de manutenção)		
Limitação às condições climatéricas		
Quebra do efeito surpresa		

Outras:

ANEXOS

ANEXO - A

RAÇAS DE CÃES UTILIZADAS NO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Desde do início do uso de cães militares, a nossa Instituição reconheceu, o cão como um forte aliado, tendo servido no cumprimento de missões que vão desde o cão de guarda, de busca e detecção, estafeta, socorrista, transportador de material, bomba. Das raças destinadas ao emprego operacional, para o cumprimento das missões na actualidade destaca-se o **Pastor Alemão**, **Pastor Belga Malinois**, o **Pastor Holandês**, o **Rottweiler**, o **Retriever do Labrador**, o **Golder Retriever** e o **Cocker Spaniel**.

O **Pastor Alemão**, é um cão muito equilibrado, auto confiante, natural, vigilante e dócil, completamente inofensivo, salvo quando é provocado. É extremamente versátil, conseguindo ser bom em quase todas as vertentes das missões que lhe podem ser atribuídas, nomeadamente a guarda, a defesa, a busca e detecção, entre outras. É extremamente robusto, em que a sua capacidade física, permiti-lhe resistir à pressão do trabalho, tolerando os erros dos mais inexperientes, sem que acuse o esforço ou mesmo o desgaste durante o serviço (Lima & B., 2010).

O **Pastor Belga Malinois**, é uma cão com características extraordinárias, como a sua rapidez, e apresenta capacidades excepcionais tais como: o seu sentido olfactivo, a sua agilidade, guarda, tem um comportamento hiperactivo e não apresenta fadiga, todo dia. Possui uma coragem e fidelidade infinita e aceita com muita facilidade a dominância do seu dono. O único problema desta raça e que atingem a maturidade para o trabalho, um pouco mais tarde que as outras raças e são dado que são muito sensíveis aos erros que um condutor possa cometer. As sua valências operacionais são: detecção de explosivos, minas ou armadilhas (Lima & B., 2010).

O **Pastor Holandês**, não difere muito dos seus primos Belgas, mas com maior quantidade de sangue do Pastor Alemão. A sua pelagem confere uma boa camuflagem na maior parte dos padrões paisagísticos, condição essencial para progressão das tropas no terreno (Esteves, 2010).

O **Retriever do Labrador**, apresenta um boa inteligência, obediente e um forte desejo de servir. Possui um um ótimo faro e um corpo atlético, para além de ser um recuperador por excelência. As suas competências são de busca e detecção, sendo um cão robusto e muito resistente, não cedendo perante os obstáculos (Esteves, 2010).

O **Rottweiler** é um cão calmo, silencioso, obediente, inteligente, de extrema dureza e adaptabilidade e com forte desejo de trabalho. Revela-se com uma lealdade acima da média. A sua competência é para guarda de instalações, bem como para manutenção de ordem pública (Campos, 1981).

O **Golden Retriever** é um atleta por excelência e ausente de agressividade ou de insegurança. A sua pelagem ondulada e a cor, que vai desde o dourado até ao creme, podem ser o maior inconveniente, no âmbito do seu emprego em missões de carácter operacional (Lima & B., 2010).

O **Cocker Spaniel Inglês** é um cão robusto e compacto, apresenta-se com uma excelente velocidade e com grande resistência. Tem um temperamento afável, alegre e equilibrado. No emprego operacional destaca-se a sua excelente capacidade olfactiva, detectando com facilidade odores na superfície aquática (Lima & B., 2010).

ANEXO B

APP – 12 Capítulo 6

No documento APP – 12, no capítulo 6, ponto 11, podemos encontrar as tarefas que podem ser realizadas com ajuda aos cães militares.

PATROL DOGS/MILITARY WORKING DOG (MWD)

Military Police Dog working dog teams can be used in any of the following roles:

- a. General patrol operations (seek individuals, crowd control, hold and restrain suspects).
- b. Arms and Explosives searches
- c. Narcotic searches
- d. Guard and Sentry duties
- e. Rescue and Recovery duties